

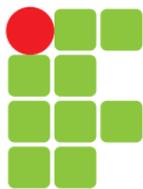


INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto

Obra de Arte do Passado que se Mantém no Presente

Dossiê de Tombamento da Ponte do Palácio
Cleide Magalhães

Ouro Preto
Setembro de 2017



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto

Cleide Magalhães

Dossiê de Tombamento Ponte do Palácio

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca examinadora do
Instituto Federal de Minas Gerais –
Campus Ouro Preto como requisito
para obtenção do título de Tecnólogo
da Conservação e Restauro.
Orientador: Rodrigo Menicone

Ouro Preto
Setembro de 2017

CLEIDE MAGALHÃES

DOSSIÊ DE TOMBAMENTO
PONTE DO PALÁCIO

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal Minas Gerais campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Aprovado em 18 de setembro de 2017 por:

Professor Rodrigo Otávio de Marco Menicone
(Orientador)

Professora Maria Cristina Rocha Simão

Sandra Fosque Sanches

Dedico primeiramente a Deus, a Família e as pessoas que foram companheiras nos momentos mais difíceis pois, bem sabemos, que é no crivo da vida que os reconhecemos como verdadeiros amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proporcionar o necessário para o desenvolvimento deste trabalho. Por ter conseguido concluir uma etapa importante na minha trajetória.

O resultado final deste trabalho é de minha inteira responsabilidade mas ele contou com a colaboração e incentivo de várias pessoas. O meu muito obrigada a todos.

A meu pai José de Paulo Magalhães que mesmo não estando presente para comemorar comigo esta conquista, sempre foi um grande incentivador.

A minha mãe Elvira, mesmo sendo de poucas palavras, sempre soube usá-las na hora certa, me encorajando, incentivando e confortando meu coração nos momentos difíceis.

As Minhas irmãs Leny, Irlene, Lucilene, meu sobrinho Luan, cunhado Luciano e demais familiares por terem acreditado em mim e estarem comigo o tempo todo.

Ao Professor Rodrigo Menicone pela valiosa orientação, paciência, grande incentivo, acreditando mais do que eu no trabalho realizado e principalmente pela demonstração de carinho e humildade.

Ao professor e grande incentivador Alex Bohrer Fernandes pelas correções, sugestões e por suas críticas construtivas que muito me ajudaram na construção deste dossiê.

Aos demais professores que prefiro não citar nomes para não correr o risco de omitir algum, o meu muito obrigada por compartilhar comigo o conhecimento de vocês.

A Arlete de Paula, primeira pessoa que me acolheu quando cheguei uma semana após as aulas já terem se iniciado e foi companheira de vários trabalhos em grupo.

Ao meu colega de Sala Leonardo Figueiredo, mesmo não tendo palavras para agradecer por tudo que fez por mim e por ter doado muito de seu pouco tempo para me auxiliar.

Ao Henrique Daher pelo apoio, companheirismo, valiosa ajuda, incentivo e por não me deixar desistir.

Ao Eric, Carmen, Helenice, Tássia e demais colegas de sala, amigos e pessoas que nem se quer conhecia como os do IPHAC, Biblioteca de Obras Raras que direta ou indiretamente foram fundamentais na construção deste dossiê.

Aos funcionários do IFMG-Campus Ouro Preto, especialmente Sr. José Diogo do Xérox e ao Ivalder da Biblioteca por atenderem com presteza as minhas solicitações.

*“Podemos viver sem a arquitetura de uma época ,mas
não podemos recordá-la sem a sua presença”.*
John Ruskin

RESUMO

Pretende-se através desse projeto, produzir um dossiê de tombamento da Ponte do Palácio que está localizada no distrito de Cachoeira do Campo, Minas Gerais. É uma ponte setecentista, construída em pedra e cal, que apesar de estar exposta às intempéries e usos, vem mantendo suas características originais. A escolha para o tombamento da ponte do palácio partiu da necessidade de que este bem seja salvaguardado proporcionando-lhe a inclusão no rol de patrimônio cultural protegido, uma vez que ela tem importância histórico-arquitetônica incontestável. Tal reconhecimento ainda facilitará o alcance a subsídios destinados a conservação e preservação suas características mais singulares e ou sua deterioração.

Palavras-chave: Bem cultural-ponte de pedra-salvuarda-tombamento

ABSTRACT

The aim of this project is to produce a dossier of tipping the Palace Bridge that is located in the district of Cachoeira do Campo, Minas Gerais. It is an eighteenth century bridge, built of stone and lime, which despite being exposed to the weather and uses, has maintained its original characteristics. The choice for the tipping of the bridge of the palace was based on the need for this property to be safeguarded by providing it with inclusion in the list of protected cultural patrimony, since it has undeniable historical-architectural importance. Such recognition will further facilitate the achievement of subsidies for conservation and preservation of their most unique characteristics and / or deterioration.

Key-words: Well cultural-safeguard-tipping

Lista de ilustrações

Figura 01: Ponte do Palácio-2016

Figura 02: Largo do Governador-2006

Figura 03: Ruínas do Palácio- 1896

Figura 04: Ouro Preto-2010

Figura 05: Cachoeira do Campo

Figura 06: Cascata Dom Bosco

Figura 07 Casarão na Rua Sete de Setembro-2017

Figura 08: Casarão na Praça Felipe dos Santos - 2017

Figura 09: Imagem frontal da Matriz N.S. de Nazaré- 2017

Figura 10: Imagem lateral direita Matriz de N.S. de Nazaré

Figura 11: Muro de Pedra na Rua João Gualberto

Figura 12: Casa de veraneio

Figura 13:Palácio de campo

Figura 14: Pintura Vista do pátio do antigo quartel

Figura 15: Pintura Vista frontal do antigo quartel

Figuras 16 e 17: Vista frontal do Colégio Dom Bosco

Figura 18: Representação da Guerra dos Emboabas

Figura 19: Representação da Revolta de Felipe dos Santos

Figura 20: Representação do enforcamento de Tiradentes

Figura 21: Ponte do palácio vista sentido centro

Figura 22: Ponte do palácio vista sentido BR

Figura 23: Vista aérea da ponte do palácio e seu entorno

Figura 24: Pedreira Santa Margarida de Cortona

Figura 25: Guarda Corpo

Figura 26: Tabuleiro

Figura 27: Enchimento

Figura 28: Bueiro

Figura 29: Arcos

Figura 30: Olhais

Figura 31: Muro de tímpano

Figura 32: Pilar

Figura 33: Talha-mar

Figura 34: Talhantes

Figura 35: Ponte do palácio tabuleiro

Figura 36: Ponte do palácio vista a montante

Figura 37: Ponte do Centro de Cachoeira do Campo

Figura 38: Ponte Dom Bosco

Figuras 39 e 40: Ponte Marília de Dirceu

Figuras 41 e 42: Ponte dos Contos

Mapa 01: Perímetro de entorno da ponte do palácio

Mapa 02: Perímetro de tombamento da ponte do palácio

Sumário

Sumário	10
1.Introdução	10
2. Considerações acerca de tombamento	13
3. Das Pedras à Ponte	16
4. Contextualização Histórica	17
4.1 Breve histórico de Ouro Preto	17
4.2 Histórico do Distrito de Cachoeira do Campo	20
4.3. Referenciais da história de Cachoeira do Campo	24
4.3.1 Escola Estadual Nossa Senhora Auxiliadora	24
4.3.2 Colégio Dom Bosco	27
4.4 Acontecimentos Relevantes	29
4.4.1 A Guerra dos Emboabas	29
4.4.2. A Revolta de Felipe dos Santos	30
4.4.3. A Inconfidência Mineira	31
5. Contextualização do bem cultural	32
6. Análise do entorno	34
7. Caracterização do objeto	36
6.1 Descrição e análise do bem cultural	36
9. Delimitação descrição e justificativa do entorno	44
10. Perímetro de tombamento	46
11.1. Delimitação descrição e justificativa	46
11. Análise do estado de conservação	48
12. Diretrizes de intervenção/preservação	50
13.Documentação gráfica	51
12.1 Planta baixa	51
13.2 Fachada lateral a montante	52
13.3 Fachada lateral a jusante.....	53
13.4 Corte A/B.....	54
13.5 Corte C/D.....	55
14.Informações Complementares	56
15.Conclusão	57
16. Anexos	58
• Anexo 1 Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Inventário de Proteção.....	58
• Anexo 2 Planta de Situação	61
.....	62

• Anexo 3 Planta de localização.....	62
• Anexo 4 Decreto Pedreira Santa Margarida de Cortona	63
17. Referencial bibliográfico	65
18. Sitios Web consultados	66

1.Introdução

A Ponte do Palácio(FIG.01) localiza-se nas proximidades da Rodovia dos Inconfidentes, no distrito de Cachoeira do Campo, Minas Gerais. Compondo o conjunto arquitetônico do Palácio dos Governadores, foi construída com o objetivo de dar acesso aos portões deste palácio, transpondo o Rio Maracujá¹, constituindo também um objeto de grande valor estético.



Figura 01 Ponte do palácio-2016
Fonte: Cleide Magalhães

O escritor Ivo Porto de Menezes, em seu livro, “Os Palácios dos Governadores em Ouro Preto”, mencionado na Revista nº15 do IPHAN descreve um caminho que parte da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré até o palácio passando pela ponte que em seu relato é pontuada com o adjetivo de “especial”.

Partindo da velha e bela Matriz da Senhora de Nazaré, em demanda ao palácio, seguindo para o lado do poente, percorre-se estrada tortuosa até o córrego, que se atravessa por especial ponte de pedra, até chegar ao portão “largo e alto”, cujos pilares, até bem pouco tempo, ainda eram vistos próximos à atual estrada.(MENRZES,1961,p.56)

¹ Considerado um dos remanescentes do Rio das Velhas. Segue de sua cabeceira recebendo vários afluentes descendo em cascatas seguindo até o centro de Cachoeira do Campo, passando pela ponte do palácio descendo próximo ao Retiro das Rosas seguindo as baixadas de Amarante. Disponível em http://www.jornaloliberal.net/artigo/o_rio_maracujá. Acesso em 15.03.16

Situada na Rua Nossa Senhora Auxiliadora, antiga Rua do palácio, a ponte do palácio, é um testemunho vívido da época colonial. Sendo uma ponte setecentista, com técnica construtiva em alvenaria de pedra, vem mantendo suas características originais mesmo estando exposta as intempéries.

Como um dos remanescentes edificados do Palácio juntamente com o lago(FIG.02) e as ruínas(FIG.03), a referida ponte apresenta na sua contemporaneidade a função urbanística original de sua construção.



Figura 02: Lago do Governador-2006
Fonte: Acervo AMIC



Figura 03: Ruínas do Palácio-1896
Fonte Acervo AMIC

Por se tratar de um objeto que fica exposto às variações de temperatura, tráfego, vandalismo e outras condições adversas e sendo as possibilidades de proteção limitadas, ainda assim, a ponte vem se mantendo de pé, em uso, cumprindo a função para a qual foi destinada.

Tendo em vista a importância de preservar este patrimônio, é mais do que necessário e justo, que se elabore um dossiê de tombamento para sua salvaguarda. Ele representa um testemunho da formação de Cachoeira do Campo que foi deixado como legado.

O dossiê a ser apresentado tem por finalidade instrumentalizar o reconhecimento enquanto bem cultural. Uma das possibilidades de aproveitamento deste dossiê é embasar tecnicamente a captação de subsídios através de programas e projetos para ação de conservação e restauro, permitindo a manutenção das características mais singulares.

A metodologia do presente trabalho possibilitou a compilação de informações como a contextualização histórica da Cidade de Ouro Preto, do distrito de Cachoeira do Campo e do objeto de estudo. Tudo isso teve como resultado final a produção de um dossiê de

tombamento. Para tanto, foram realizadas revisões bibliográficas e históricas junto ao portal IPHAN, Secretaria de Patrimônio da Prefeitura de Ouro Preto, Arquivo Público, IFAC, bibliotecas, via internet, por intermédio de: livros, arquivos acadêmicos e artigos.

Uma etapa que é parte essencial da rotina na prática profissional de todo conservador-restaurador é conhecer o objeto de estudo profundamente. Para tal, foi realizado como trabalho de campo visitas “*in loco*”² que permitiram, em análise visual, conhecer o objeto e dar início aos trabalhos que abarcam levantamento de dados para conhecer um pouco de sua história.

Tal levantamento inclui sua construção, função que ela exerce para a sociedade, técnica construtiva, suas características, possíveis alterações que surgiram ao longo do tempo, além de levantamento fotográfico e arquitetônico.

E por fim, analisar e sintetizar os dados para realizar a elaboração do texto final do dossiê de tombamento.

² É uma expressão em latim, que significa “no próprio lugar, também pode ser usado *in situ*. Informações encontradas em: <http://www.significados.com.br>. Acesso em 05.04.16

2. Considerações acerca de tombamento

De acordo com a Constituição Federal de 1988, art. 23,III, é dever da União, dos Estados e dos Municípios a preservação do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural Nacional.

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

A primeira ação a ser tomada para garantir esta preservação é fazer o seu reconhecimento bem para a comunidade. O seu tombamento promoverá o registro no livro do tomo, impedindo assim que este seja destruído ou modificado, a não ser mediante autorização do órgão competente. “O IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, criado em 1937, vem trabalhando no sentido de fiscalizar, proteger, identificar, restaurar, preservar e revitalizar os monumentos, sítios e bens móveis do país³.”

A palavra tombamento tem por significado no dicionário brasileiro “Ação ou efeito de tomar; tomo”⁴. A ação de registrar, algum tipo de patrimônio, dando a ele um valor histórico. Ou seja, utilizamos a palavra no sentido de registrar algo que tem valor para o meio em que está inserido, protegendo este por meio de uma legislação específica. O tombamento tem como função de preservar referenciais, marcos, elementos que marcaram a vida de uma sociedade como parte de sua identidade⁵. “É um instrumento legal, um ato de reconhecimento do valor cultural de um bem, que o transforma em patrimônio oficial levando-se em conta sua função social⁶.”

De acordo com o Decreto-Lei de 25 de 1937, e tomando como exemplo o procedimento do IPHAN relacionado aos livros do tomo podendo este ter vários volumes:

Art. 4º O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional possuirá quatro Livros do Tombo, nos quais serão inscritas as obras a que se refere o art. 1º desta lei, a saber:

³ GOVERNO DE MINAS GERAIS, Sentidos Urbanos Patrimônio e Cidadania, FAOP, 2009, p. 10

⁴ Informações encontradas em: <https://www.dicio.com.br/tombamento/>

⁵ Informações encontradas em: <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br>

⁶ GOVERNO DE MINAS GERAIS, Sentidos Urbanos Patrimônio e Cidadania, FAOP, 2009, p. 15

- 1) no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, as coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular, e bem assim as mencionadas no § 2º do citado art. 1º.
- 2) no Livro do Tombo Histórico, as coisas de interesse histórico e as obras de arte histórica;
- 3) no Livro do Tombo das Belas Artes, as coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira;
- 4) no Livro do Tombo das Artes Aplicadas, as obras que se incluírem na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras.

O processo de tombamento é composto por algumas etapas que se inicia com a solicitação de tombamento, podendo ser feita pelo proprietário do bem de forma voluntária ou compulsoriamente pelo poder público onde é feita uma notificação ao proprietário se encerrando quando o bem é inscrito em um dos livros do tomo.

I - A solicitação de tombamento é apresentada ao IEPHA/MG, de acordo com as normas estabelecidas.

II - O IEPHA/MG, por meio de sua Diretoria de Proteção e Memória/Gerência de Patrimônio Material, analisa a solicitação e se manifesta ao proponente emitindo um documento chamado Parecer de Tombamento.

III - Em caso afirmativo, é iniciado o Estudo de Avaliação de Tombamento (EAT), que será apresentado ao Conselho Estadual de Patrimônio (CONEP). A avaliação do CONEP sobre a pertinência de se dar prosseguimento ao tombamento assegura o Tombamento Provisório do Bem, o que é declarado em reunião com ata a ser publicada. Inicia-se, assim, o Processo de Tombamento propriamente dito.

IV - Em seguida, o IEPHA/MG encaminha ao proprietário do Bem a Notificação de Tombamento. O proprietário tem um prazo máximo de 15 (quinze) dias, após o recebimento da notificação, para manifestar sua anuência ou discordância.

V - Decorrido esse prazo de 15 (quinze) dias, sem que haja impugnação, é elaborado, por uma equipe interdisciplinar, o Dossiê Técnico sobre o Bem. A equipe será responsável pela produção de textos descritivos e analíticos, os quais serão acompanhados por vasta documentação iconográfica (fotografias, plantas e mapas), além da delimitação do entorno, do perímetro de tombamento e de diretrizes para futuras intervenções.

VI - O Dossiê Técnico e toda documentação produzida ao longo do Processo (Termo de Abertura e Autuação, Notificações, Recibos de Notificações e demais atos e documentos referentes à situação individualizada do Bem) e Parecer elaborado pela Diretoria de Proteção e Memória serão apresentados em reunião ao CONEP para aprovação final, cuja ata deverá ser publicada.

VII - Após a aprovação, o Tombamento é enviado para Homologação pelo Governador do Estado, em caso de bem de propriedade pública e, pelo Secretário de Estado de Cultura, em se tratando de bem de propriedade particular⁷.

Instaurado no País através do Decreto-Lei 25 de 1937, o tombamento, é principal instrumento de proteção do Patrimônio tendo como principal efeito a proibição da mudança em suas características e de seu entorno imediato a menos que esta modificação seja possível.

Todo bem, passa por uma análise de elementos técnicos e uma vez tendo o reconhecimento de que se reveste de tais valores de acordo com a Constituição Federal,

⁷Informações encontradas em: <http://www.restaurarb.org>, p 1.

decide-se pela necessidade de sua salvaguarda e posteriormente far-se-á sua inscrição no Livro do Tombo⁸.

Um bem, uma vez inscrito no livro do tombo, fica sob proteção do Poder Público. Como o tombamento trata-se de um ato discricionário, o poder público tem total liberdade de agir para sua salvaguarda. O órgão que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro é o IPHAN, a ele cabe não só proteger mas também promover sua permanência garantido para gerações tanto atuais quanto futuras seu usufruto⁹.

⁸Informações encontradas em: <http://portaliphan.gov.br/paraqueserveotombamento>, p 2

⁹ Idem, p 7

3. Das Pedras à Ponte

A pedra, matéria prima encontrada em abundância na natureza, foi muito utilizada para a construção de pontes no passado. São elas que possibilitam através da intersubjetividade de seu assentamento a formação do arco. É, sem dúvida, através de pedra por pedra que os arcos tomam forma. Tudo isso, aliado a um planejamento e organização conferindo-lhes coesão, tornando sua interação possível dando origem a ponte. É um tipo de construção que tem como objetivo transpor um obstáculo proporcionando a continuidade de uma via seja de qual natureza for: ferrovia, rodovia ou até mesmo para passagem de pedestres e animais. Tal obstáculo é constituído por canal aquífero que pode ser um rio, um córrego, um lago, etc. Com o passar do tempo, houve uma evolução de conhecimento principalmente no que diz respeito a tempo de construção pois as pontes de pedra demoravam anos para serem construídas e demandavam muita mão de obra. Com vários estudos, foram introduzidos no mercado novos materiais como o aço, concreto armado, concreto protendido que contribuíram com a redução deste tempo de construção e principalmente com uma reduzida mão-de-obra. Por este motivo as pontes de alvenaria de pedra quase se extinguíram embora as que resistem ao longo do tempo, muitas ainda encontram-se em uso e em bom funcionamento. As pontes em arco de alvenaria de pedra são constituídas por blocos de pedra natural que é a alvenaria associada ou não a material de enchimento denominado de argamassa. A alvenaria se forma a partir da associação destes blocos de pedra, podendo receber argamassa ou não, formando assim seu elemento estrutural básico. Quando as pedras da estrutura são desprovidas de argamassa recebe o nome de pedra seca (COSTA,2006).

4. Contextualização Histórica

4.1 Breve histórico de Ouro Preto

Augusto de Lima Júnior em seu livro, A Capitania das Minas Gerais, cita Vila Rica em uma descrição de Tavares de Brito de 1730:

Entre montanhas de imensa altura e delas rodeada em forma que a vista se não pode estender por quebrada alguma, se levantou esta Vila e suposto que abatida pela profundidade que está situada a maior parte dela, é mais soberba e opulenta que todas, assim pela frequência dos seus comerciantes, como pela fiança das suas minas, mormente da inacessível serra desta tapanhuacanga, em cujas fraldas, se encontra e descansa a qual serra é um potosi de ouro.

Embora tenha pesquisado outros, os históricos de Ouro Preto e Cachoeira do Campo foram, em sua grande maioria, baseados em: BOHRER, Alex Fernandes, Ouro Preto, Um Novo Olhar, São Paulo:Scortecci,2011 por ser um livro mais recente.

A Cidade de Ouro Preto(FIG. 04), está localizada nas ladeiras do Córrego do Tripuí a 1060 metros de altitude¹⁰. Os primórdios da descoberta aurífera na região de Ouro Preto, está de acordo com relatos de Bento Fernandes Furtado, filho de um paulista, considerado um dos primeiros a percorrer a região o então coronel Salvador Fernandes Furtado. A cidade iniciou sua povoação em 24 de junho de 1698 a partir da bandeira de Antônio Dias e ao Padre João de Faria Fialho.



Figura 04: Ouro Preto
Disponível em <http://<google.com.br/>>
Último acesso em 27.02.17

¹⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO, Inventário do distrito de Cachoeira do Campo, março/2007,P.14

Augusto de Lima Júnior, nega a coexistência destas duas bandeiras e aponta um outro possível descobridor, o então aventureiro Manoel Garcia. Antônio Dias teria descoberto ouro somente no bairro que tem seu nome. “Para esta versão, oficial, lapidada desde os tempos de Diogo de Vasconcelos, a Bandeira de Antônio Dias seria uma expedição, dentre outras, que percorreu o território mineiro em busca do Pico do Itacolomy”(BOHRER,2011,p.20).

Neste pico, segundo boato, teria sido encontrado além de estranha formação rochosa, ouro de qualidade por um mulato de Taubaté. Este Mulato que havia ido ao sertão com paulistas em busca de índio, sentiu sede. Foi quando desceu o vale do Tripuí com sua gamela para apanhar água. Qual foi a sua surpresa quando viu uns granitos da cor do aço. Sem saber exatamente o que era, nem seus companheiros. Chegando em Taubaté vendeu as tais pedras sem saber de que se tratava e nem o comprador sabia o que estava comprando. Como havia guardado algumas, resolveu mandar para o Governador Artur de Sá que logo as identificaram como sendo o mais puro ouro. Informações do local do achado foi descrito como sendo dominada por um pico localizado na posição central que chamaram de Itacolomi por parecer mãe e filha.(VASCONCELOS,1999)

A notícia do achado rapidamente se espalhou e conseqüentemente atraiu milhares de aventureiros a procura das pepitas de ouro. Tendo sido Antônio dias obtido sucesso em 1698, “redescobrimo o Ouro Preto” (BOHRER,2011,P.20).

A partir desta data, as montanhas se viram povoadas de aventureiros vindos tanto da colônia quanto do reino e uma miscelânea de arraias se formaram nos morros e nas margens dos rios. Tamanha desorganização que fazia do local um agregado de casebres e garimpeiros. O Jesuíta João Antônio Andreoni cujo codinome é Antonil, comparou Ouro Preto como um imenso acampamento que comportava cerca de 30.000 pessoas.

Os garimpeiros tinham como locais de exploração e técnicas bem variadas, utilizando as beiras dos rios, vales e alto das serras, cavando profundas minas a procura do metal precioso. Dentre os aventureiros que vieram a procura do ouro e enriquecimento destaca-se o poderoso Pascoal da Silva Guimarães¹¹, dono das minas de ouro podre¹².

¹¹ Foi um dos primeiros líderes da sedição de 1720 ocorrida em Vila Rica que visava a deposição do Conde de Assumar e formação de novo governo. Tendo o motim cessado, foi preso, mandado para O Rio de Janeiro e posteriormente para Lisboa onde moveu um processo contra o referido Conde mas faleceu antes do veredito final. Informações encontradas em: <http://morrodaqueimada.fiocruz.com.br>. Acesso em 29.04.16

¹² Arraial que mais prosperava tendo como principal explorador, Pascoal da Silva Guimarães, comerciante português. Informações encontradas em: <http://morrodaqueimaa.fiocruz.br>. Acesso: 29.04.16

A descoberta do ouro foi de tamanha importância para a construção de Vila Rica que foi capaz de vencer até mesmo as condições geográficas do local. “Só mesmo a febre aurífera para erguer uma cidade em terreno tão austero para a presença humana. Somente o ouro engendraria formas para, conforme imposições locais, driblar as barreiras da natureza e fazer nascer a Vila Rica!”.(BOHRER,2011,p.22).

Devido a opulência de suas jazidas, em 1711 de arraial, a cidade, foi elevada a vila recebendo o nome de Vila Rica de Albuquerque. Posteriormente, mais precisamente no ano de 1823 por meio de um decreto imperial, de vila passou a categoria de cidade, condição esta dada a todas as vilas capitais da província. Ainda em 1823, por meio de carta régia, foi elevada à categoria de Imperial Cidade de Ouro Preto .Em 1889, com a Proclamação da República sua denominação passou a ser Ouro Preto e este se mantém até a atualidade¹³.

Confinada entre montanhas, no mês de dezembro do ano de 1897, sem meios nem condições para desenvolvimento físico/urbano, Ouro Preto perde o status de capital Mineira tendo a mudança da Capital para a Cidade de Belo Horizonte, local que reúne as condições ideais¹⁴.

Embora Ouro Preto, com a exploração mineral, tenha proporcionado há muitos sentimentos de ganância, revoltas, destruições e morte, contribuiu também para a melhoria no que diz respeito a construção de grandes monumentos como os inúmeros templos religiosos e proporcionou ainda a descobrimento de grandes artistas, destacando-se o escultor Antônio Francisco Lisboa (o Aleijadinho)¹⁵ considerado atualmente maior artista plástico do barroco mineiro e o Pintor Manoel da Costa Ataíde¹⁶.

Ouro Preto conserva na atualidade, grande parte dos monumentos da época da colonização, por este motivo, em 1933 foi elevada a Patrimônio Nacional. Em 1938 foi tombada pelo IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e em 1980 recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade sendo a primeira cidade brasileira a

¹³ CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO ,Inventário do Fundo,1977. Informações encontradas em: [Http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos)

¹⁴ Idem.

¹⁵ Nasceu em Vila Rica em 1738. Filho de escrava com Manoel Francisco Lisboa, mestre de obras português. Aprendeu observando o pai, risco arquitetônico e técnicas de carpintaria, ainda na quando criança. Sua obra mistura diversos estilos do barroco. Presentes em sua esculturas estão os estilos clássico, rococó e gótico. Informações encontradas em: Revista número 18 do Patrimônio histórico e artístico Nacional,P.72/73,1978.

¹⁶ Nasceu em 18/10/1762 em Mariana-MG. Existem poucas referências sobre sua formação artística, sabe-se que seguia os cânones da igreja católica importados de Portugal. Suas obras eram baseados nos livros sagrados e catecismo europeu. Informações encontradas em: <http://www.infoescola.com/biografias/mestre-ataide>. Acesso: 29.04.16

receber tal título.

A cidade de Ouro Preto é muito visitada durante todo o ano por um público bastante diversificado, tendo em vista sua condição história e seus belíssimos monumentos, inclusive se destacando nacionalmente. Neste contexto, destaca-se alguns dos principais pontos turísticos do município como: O Museu da Inconfidência-1784/1855, Museu do Oratório, Casa dos Contos-1787, O Teatro Municipal-1770, Matriz do Pilar -1711/1733 e Igreja de Nossa Senhora da Conceição, também conhecida com a Igreja de Antônio Dias - 1727/1760, Igreja de São Francisco de Assis-1765-1810, Igreja de Nossa Senhora do Carmo - 1765 e Igreja do Rosário (1780), Capela do Padre Faria (1701-1710).

O município é constituído por 12 distritos: Antônio Pereira, Lavras Novas, Rodrigo Silva, Santo Antônio do Salto, Santa Rita do Ouro Preto, Cachoeira do Campo, São Bartolomeu, Amarantina, Engenheiro Correia, Glaura, Santo Antônio do Leite e Miguel Burnier.

4.2 Histórico do Distrito de Cachoeira do Campo

Cachoeira do Campo(FIG.05), distrito de Ouro Preto, distante há 18km da sede. Teve sua fundação devido ao clima ameno, à fertilidade do solo e ao encanto de suas paisagens.



Figura 05: Cachoeira do Campo
Disponível em <http://guiacahoeiradocampo.com/> acesso em 27.02.17

Foram várias expedições denominadas “Entradas e Bandeiras” que cruzaram o interior do Brasil a procura de riquezas e mão-de-obra escrava indígena. A mais famosa a percorrer a localidade hoje denominada de Cachoeira do Campo, foi a bandeira de Fernão Dias Paes-1674 e 1675, cognominado “o caçador de esmeraldas”. Foi por causa da descoberta

da alta cascata de águas limpas(FIG.: 06) quando da exploração do cerrado mineiro que deu origem ao histórico nome do povoado de Cachoeira que posteriormente viria a ser Cachoeira do Campo. Tendo sido provavelmente explorada por outros porém, foi a partir da trilha do Fernão Dias que a região começou a ser mais visitada.



Figura 06: Cascata Dom Bosco
Fonte: <http://amiccachoeira.blogspot.com.br>

Por volta de 1680, um aventureiro, cujo nome era Manoel de Melo, teria fixado moradia em Cachoeira do Campo, tornando-se o seu primeiro morador, porém, sem provas concretas. Em um livro da Irmandade do Santíssimo Sacramento relata o primeiro nome da localidade como sendo Cachoeira do Manoel de Melo por este motivo. Padre Afonso de Lemos, em sua monografia, afirma que o povoado teve início 1700 e 1701, seu desenvolvimento se deu devido ao grande número de pessoas que se dirigiram à região mineradora, dado ao período de fome que passou Vila Rica. Este período de fome se deu pelo fato de que os bateadores, em busca do enriquecimento fácil, se debandaram para Vila Rica, não se preocupando em providenciar alimentação que vinha do Rio de Janeiro em lombo de tropas. Sendo assim, foram obrigados a procurar espaços que fossem favoráveis para o plantio, tornando o lugarejo um dos centros regionais de produção agrícola. Por este motivo, a localidade foi alvo de grande interesse, atraindo de pequenos agricultores a grandes fazendeiros. Em um breve relato sobre os primórdios do referido distrito Lúcio Fernandes Ramos fala sobre o surgimento de Cachoeira do Campo e seu primeiro morador:

Foi pois, por volta de 1701-1702, que surgiram os primeiros povoados fundando o que é hoje, Cachoeira, à margem dos caminhos que de Vila Rica demandavam o Sabará, o Caeté, o Rio das Mortes, o Tijuco e outras partes.

Ao mesmo tempo foram surgindo São Bartolomeu, Casa Branca, Rio de Pedras, Amarante, Leite e outros.

(...) Em um assentamento que o vigário Padre Estevão Colasso fez em 22 de novembro de 1714, ele diz: “esta matriz de N.S. de Nazareth da Cachoeira do Manoel de Melo, seu primeiro morador(...)”(RAMOS,1977,p.5)

A localidade já se chamou Nossa Senhora de Nazaré dos Campos de Minas, Cachoeira de Melo, Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo sendo simplificada para Cachoeira do Campo nome que permanece até os dias de hoje. É banhada pelo rio Maracujá, que nasce na Serra do Trino, que ao se arrastar pela cascata recebe tal nome¹⁷.

Com o desenvolvimento do distrito, foram surgindo novas e modernas edificações em alvenaria de tijolos. As construções antigas, foram aos poucos cedendo lugar ao moderno com suas tipologias e cores variadas, não seguindo nenhum padrão. As coberturas recebem telhado de material cerâmico, metálica e até mesmo amianto, indo de encontro aos padrões e estilo da época de formação do distrito. Contudo, alguns exemplares da arquitetura colonial da época de sua formação como alguns casarões(FIG.:07 e 08) ainda podem ser apreciados em sua maioria no entorno da Igreja Nossa Senhora de Nazaré(FIG.: 09 e 10) na Praça Felipe dos Santos.



Figura 07: Casarão na Rua Sete de Setembro
Fonte: Cleide Magalhães 2017

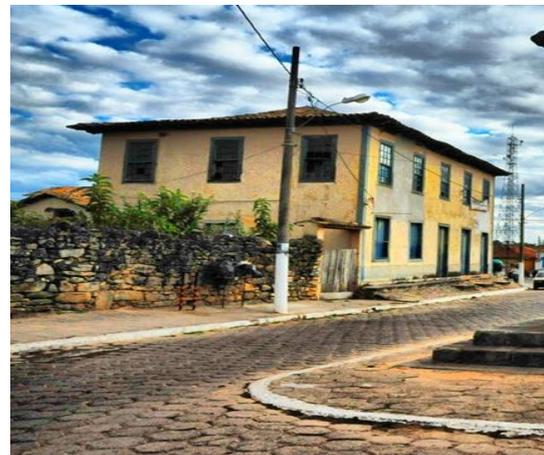


Figura 08: Casarão na Praça Felipe dos Santos
Fonte: www.google.com/imagens em 27.02.17

¹⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. Inventário do distrito de Cachoeira do Campo, março 2007. Acervo da Secretaria de Patrimônio. P14



Figura 09: Matriz N.S. de Nazaré
Fonte: Cleide Magalhães 2017



Figura 10: Matriz N.S. de Nazaré
Fonte: Cleide Magalhães 2017

Utilizando-se de matéria prima local, estas edificações foram construídas originalmente com a técnica construtiva em pau-a-pique¹⁸ ou adobe¹⁹ segregados entre si por muros de pedra. Estes muros(FIG.:11) ainda podem ser encontrados não somente no centro mas em vários pontos do distrito.



Figura 11: Muro de Pedra
Fonte: Cleide Magalhães-2017

O distrito apresenta várias edificações de interesse cultural, tais como a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré datada do início do século XVIII em substituição a uma ermita bandeirante, principal obra da primeira fase do Barroco Mineiro. É considerada uma das mais ricas de Minas, um dos principais monumentos artísticos e históricos do Brasil que ainda

¹⁸ Também conhecido como taipa de mão, de sopapo ou de sebe. Técnica construtiva antiga que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, em sua maioria de bambu, amarradas entre si por cipós, formando grande painel perfurado que ao ter os vãos preenchidos com barro, transforma-se em parede.(NOLASCO,2016).

¹⁹ Técnica tradicional de alvenaria que tem como matéria prima a terra crua. Para a fabricação do tijolo deve-se amassar a terra, deixa-la descansar por alguns dias e, ainda úmida, colocá-la em formas.(NOLASCO, 2016).

subsiste se mantendo esplendorosa, a Igreja de Nossa Senhora das Dores, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, Capela Nosso Senhor dos Passos, Chafariz do Corte, Chafariz Padre Afonso de Lemos, Quartel da Cavalaria de Minas-antigo Colégio Dom Bosco, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora-Colégio das Irmãs-antigo Quartel de Patrulhas-palácio dos governadores, Capela de São Francisco e a Capela de Santo Antônio.

Dentre as manifestações culturais de Cachoeira do Campo, as comemorações consideradas mais tradicionais são o bloco vira folha que movimentava todo o distrito atraindo foliões de todas as redondezas com seu desfile, tendo destaque homens caracterizados de mulher, por ocasião do carnaval, a festa da padroeira Nossa Senhora de Nazaré que acontece no dia 08 de setembro com uma programação bem diversificada: Missas, procissões, barraquinhas, shows e outros; a Festa do Cavalo que acontece no Clube do Cavalo com exposições de várias raças e tem como atração principal o passeio em charretes ou até mesmo montados nos animais e a Festa da Jabuticaba com exposições de variados produtos feitos a partir desta fruta como geleias e licores.

Em uma comparação com os demais distritos, Cachoeira do Campo foi o que mais ou melhor se organizou em termos de infraestrutura. Possui iluminação pública, rede de água potável e esgoto, coleta de lixo, transporte além de um comércio bem atuante. Acredita-se que este desenvolvimento se deu devido a sua localização bem próxima à Rodovia.

4.3. Referenciais da história de Cachoeira do Campo

O distrito de Cachoeira do Campo, além da amenidade do clima e ocupando posição estratégica que eram pontos de encontro das principais estradas mineiras do XVIII, criou-se fatores decisivos e ideais para a escolha do lugar para se construir.

4.3.1 Escola Estadual Nossa Senhora Auxiliadora

Logo após a revolta de Felipe dos Santos em 1720, o Conde de Assumar²⁰ fez ao Rei, um pedido de mudança da capital para Cachoeira do Campo, mas isso não aconteceu.

²⁰ Governou a Capitania das Minas de Ouro. Considerado tirano perverso e repressor. Condenou Felipe dos Santos nos motins de Vila Rica. Informações encontradas em: <http://www.grnews.com.br>. Acesso em 05.12.16

Assumar também queria mandar construir no distrito uma casa da moeda e um palácio. Por volta de 1730 e 1733 foram construídos um quartel da cavalaria para abrigar soldados e cavalaria das comitivas e uma casa de campo (FIG: 12) que serviria de refúgio para os governadores.(BOHRER,2011).



Figura.: 12: Representação Casa de Campo
Disponível no Livro Cachoeira do Campo,
A Filha Pobre de Ouro Preto. Página 37

Esta casa de campo, ao longo do tempo, foi recebendo várias melhorias, tendo sido totalmente transformada em uma luxuosa e espaçosa residência(FIG.:13) nos anos de “1781 à 1783” não tendo notificação de registros das condições desta obra que foram mandadas fazer por Dom Rodrigo José de Menezes contra ordens “Del Rei”(MENEZS,1961, p.235).



Figura 13:Representação Palácio de Campo
Disponível no Livro Cachoeira do Campo, A Filha Pobre de Ouro Preto. Página 37

Dentre estas melhorias, foi construído também um imenso lago artificial com capacidade de armazenamento de mais de 20 milhões de litros d'água. Conta-se também que, tinha neste lago, uma embarcação a vela de 7m de comprimento. Para abastecer este lago foi construído uma represa de armazenamento de água”(MENEZS,1961, p.55 e 56).

Ivo Porto em seu livro *Os Palácios dos Governadores em Cachoeira do Campo* conforme citado na revista número 15 do IPHAN, este lago artificial, suas dimensões e localização:

Pela observação dos remanescentes verifica-se que o lago artificial era alinhado à fachada e à distância de uns 30 metros da mesma, pelo lado direito de quem a defronta. Suas dimensões andavam por volta de 20m X 50m e sua profundidade média atingiria os 6 metros, o que já não se pode avaliar ao certo devido à plantação hoje existente em seu fundo. O escaler, a julgar pelo cômodo onde ficaria guardado, teria 6 a 7 metros de comprimento e 3 de boca aproximadamente. (MENEZES, 1961, p.55 e 56).

Após a reforma do Palácio de Campo ou residência de veraneio teve por longo tempo seus moradores o Governador Visconde de Barbacena e Família. Morador desde que veio para Minas Gerais, fazendo do palácio sua residência permanente. (BOHRER, 20110).

O escritor Lúcio Fernandes Ramos, relata ainda, que foi no Palácio onde Tiradentes²¹ e demais companheiros foram traídos em 19 de abril de 1789 por Joaquim Silvério dos Reis²² quando entregou ao Visconde de Barbacena²³ carta delatando da Inconfidência. Ele assim descreve com extrema nostalgia e tristeza do que restou da história:

Assim, a triste memória da traição e do local onde foi levada a efeito, entraram para as páginas da História do Brasil. Em compensação, do mesmo modo que a memória de Tiradentes ficou perenemente abençoada por todas as gerações de brasileiros, o palácio da traição, desapareceu, não ficando pedra sobre pedra, erigindo em seu lugar, o abençoado estabelecimento de ensino da filhas de D. Bosco, espargindo fé, esperança e caridade.

Eu me lembro de quando criança, ter passado sobre os restos de alicerces de pedra desta ruína secular, mas não guardo a disposição dos cômodos indicada por estes alicerces. Só me recordo que eram amplos e numerosos. (RAMOS, 1977, p.35)

Por volta de 1819, o palácio, por não agradar aos governadores subsequentes, ficou praticamente abandonado, vindo a se tornar um amontoado de ruínas.

Ivo Porto em seu livro “*Os Palácios dos Governadores de Cachoeira do Campo*”, conforme citado na Revista do IPHAN número 15, descreve o que restou do palácio e faz uma reconstituição do mesmo a partir da leitura documentos:

Do velho prédio nada mais resta senão a pedra comemorativa da fatura do velho quartel, velhos muros divisórios do pomar e paredes do antigo lago. Insuficientes são

²¹ (1746-1792) Foi líder da Inconfidência Mineira, Movimento que lutava pela independência do Brasil. Filho de Domingos da Silva dos Santos e Antônia da Encarnação Xavier. Informações pesquisadas no livro: *Novo Conhecer Brasil*: Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1977 p. 341b, 342a

²² Um dos delatores dos Inconfidentes Mineiros que planejavam libertar o Brasil do regime colonial português. Disponível em <https://www.ebiografia.com>. Acesso em 14 de janeiro 2017

²³ Luiz Antônio Furtado Mendonça, o Visconde de Barbacena, Governador da Capitania de Minas Gerais. Informações pesquisadas em: <https://www.descubraminas.com.br/inconfidenciamineira>. Acesso: 14.10.17

as descrições feitas tanto pelo Pe. Afonso Henrique de Figueiredo Lemos, por Lúcio José dos Santos, por Kosciuzko, como os documentos coligidos para que possamos fazer uma reconstituição do palácio. Das notícias publicadas apenas podemos anotar alguns informes dignos de maior atenção, como: “vasto e elevado casarão”, “grande sobrado”, “vasto pateo”, “porção saliente na faixada contendo uma janela superior e no andar inferior um vestibulo sustentado por duas columnas”, “uma pequena capella tendo uma altar ricamente paramentado. O segundo pavimento foi demolido por volta de 1897 conforme nos diz o mesmo Kosczuko.(MENEZES,1961,p.207).

No ano de 1911, o antigo palácio dos governadores foi transformado pelas irmãs salesianas em internato somente para meninas. Atualmente abriga a Escola Estadual Nossa Senhora Auxiliadora(BOHRER,2011)..

4.3.2 Colégio Dom Bosco

No ano de 1779, um quartel destinado a ser a Sede da Cavalaria Paga das Minas foi construído pelo governador Dom Antônio de Noronha há poucos quilômetros do Palácio de campo. Destinado e servir de abrigo ao recém formado Regimento de Cavalaria de Minas, o Quartel, foi um dos focos da Inconfidência Mineira servindo ao Tiradentes. Prova disso pode ser confirmado onde ainda se lê no brasão de pedra-sabão localizada em seu frontispício frontal. Conta-se que este brasão é atribuído a Aleijadinho.“Curioso é verificar o sêlo de pedra sabão ainda existente naquele educandário e que diz: “Esta obra o mandou fazer Illmo D. Antônio de Noronha G. E Capão Geral desta capnia ano de 1779”(MENEZES,1961,p.206).

Houve uma dúvida quanto a data certa de construção no selo onde a primeira vista lia-se 1772. Após cruzar informações de que Antônio de Noronha nesta época ainda não tinha sido nomeado Governador de Minas, o que aconteceu em 1775. Foi a partir de uma rubrica feita por ele em livro da irmandade de São José de Vila Rica no qual o número 2 se assemelha ao 9 na enumeração das páginas(MENEZES,1961)

O antigo Quartel General da Cavalaria(FIG.: 14 e 15) hoje ainda mantendo nome de Colégio Dom Bosco (FIG.: 16 e 17) está localizado às margens da Rodovia dos Inconfidentes, Cachoeira do Campo. Desde a sua construção teve vários usos tais como: Em 1779, Quartel do Regimento de Cavalaria de Minas Gerais, em 1819 foi Estabelecimento das Manadas Reais-Coudelaria Real, em 1889 Colônia Agrícola Dom Pedro II/Cesário Alvim, funcionou de 1897 a 1997 como Colégio Dom Bosco entre outros.(BOHRER,2011).



Figura 14: Pátio do antigo Quartel
Fonte: Colégio Dom Bosco



Figura 15: Fachada do antigo Quartel
Fonte: Colégio Dom Bosco



Figura 16: Colégio Dom Bosco
Disponível em <http://www.google.com/dombosco>
Acesso em 27.02.17



Figura 16: Colégio Dom Bosco
Disponível em <http://www.google.com/dombosco>
Acesso em 27.02.17

O distrito de Cachoeira do Campo também sofreu com a decadência do ciclo do ouro durante o século XIX.(BOHRER,2011).

Segundo relatos, em 1896 o quartel foi transformado no Colégio Dom Bosco, tendo padres salesianos a frente que o transformaram em um centro educacional tendo a primeira aula inaugural em 24 de junho de 1896, dia de Nossa Senhora Auxiliadora, Padroeira dos Salesianos. Foi mantido durante muitos anos um internato somente para meninos. Os terrenos do colégio são marcos fundamentais na história do local, pois abriga a cachoeira que deu nome ao distrito. Em finais do século XX, o colégio foi desativado, marcando negativamente o fim de um dos mais importantes centros educacionais da história do estado de Minas Gerais.

4.4 Acontecimentos Relevantes

O distrito de Cachoeira do Campo, além de acontecimentos de “menor relevância, esquecidas pelos historiadores que se preocuparam com detalhes”, foi palco de marcantes e importantes episódios da história do Brasil (RAMOS, 1971). Destes acontecimentos registrados pela história destacam-se:

4.4.1 A Guerra dos Emboabas

Ocorrida em 1708, a Guerra dos Emboabas (representação FIG.: 18), batalha entre paulistas e portugueses pelo direito de exploração das jazidas. Os paulistas, descobridores das jazidas de ouro e descendentes dos bandeirantes paulistas, eram os nascidos na região. Já os Forasteiros eram os nascidos em outras províncias que não São Paulo, denominados pelos paulistas de Emboabas. Os Emboabas ao saberem da descoberta do ouro, logo se dirigiram para o local das jazidas a fim de se apoderarem delas. Os paulistas, por sua vez, se sentiram injustiçados pelos portugueses e organizaram um conflito entre os dois grupos. Esta batalha que durou três dias, atingiu o ponto decisivo no distrito de Cachoeira do Campo teve no final a vitória dos emboabas sobre os paulistas. Isto se deu devido ao fato de os Emboabas, liderados por Manoel Nunes Viana, estarem em maior número e serem considerados ardilosos. (...) “Os Paulistas, como descobridores da jazidas auríferas, reivindicaram para si o direito total de exploração. Os que discordaram deste intento, em sua maioria portugueses, ficaram conhecidos como emboabas” (...) (BOHRER, Alex, 2011. Pág. 45).



Figura 18: Representação da Guerra dos Emboabas
Fonte: Fonte: [http.</// www.google.com.br/imagens//>](http://www.google.com.br/imagens/)
Acesso em 27.02.17

4.4.2. A Revolta de Felipe dos Santos

Ocorrida em 1720, Revolta de Filipe dos Santos(representação FIG.: 19) que eram manifestações que ocorreram pelos arraiais da região em protesto contra a cobrança do Quinto do ouro pela Coroa Portuguesa. (...) o governo português propôs a instalação de casas de fundição em Minas. Isto gerou descontentamento geral entre os mineradores. Logo começaram manifestações pelos arraiais da região(...)(BOHER,2011,p.47).

O então Governador das Minas, o Condi de Assumar, ia criar as casas de fundição, “local onde o ouro deveria ser recolhido e quintado”: Todo ouro deveria obrigatoriamente ser levado e transformado em barras.(LOPES,1996).

Estas casas de fundição, segundo Lúcio Fernandes Ramos, seriam instaladas para realizar uma melhor arrecadação do quinto do ouro que era uma exigência da corte portuguesa e também para evitar a sonegação destes impostos. “O quinto, imposto de vinte por cento sobre o ouro das mineradoras, começou a ser arrecadado no ano de 1700”.(LOPES,1996).

Os garimpeiros, tendo como líder Felipe dos Santos, se uniram para protestar contra a instalação destas casas de fundição e da cobrança dos altos impostos. Este conflito teve como ponto alto o adro da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, praça onde o líder foi pego discursando contra o governo português. Esta praça, que leva seu nome, teve o líder Felipe dos Santos preso e condenado a morte. Segundo a tradição, o corpo de Felipe dos Santos foi arrastado ladeira abaixo, sendo esquartejado sem ao menos ser julgado.(BOHRER,2011).



Figura 19: Representação Revolta de Felipe dos Santos

Fonte: [http.</// www.google.com.br/imgens//>](http://www.google.com.br/imgens//>)

Acesso em 27.02.17

4.4.3. A Inconfidência Mineira

A Inconfidência Mineira (representação FIG.: 20), ocorrida em 1789, trama entre segmentos da sociedade contra derrama e para tornar Minas livre do domínio português:

Quando o esgotamento das minas tornou-se evidente, começou a ser impossível o pagamento das cem arrobas mínima de ouro que anualmente eram devidas à Coroa Portuguesa. A dívida aumentou de tal forma que o governo da metrópole, não acreditando que a exploração aurífera estava em declínio, resolveu cobrar a força a quantia restante - iniciativa que foi chamada de *Derrama*. Estas medidas causaram insatisfação geral. Em 1788, começou a se delinear um movimento conspiratório que ficou conhecido como *Inconfidência Mineira*". (BOHRER, 2011, pág. 47).

Deste movimento que tinha como principal objetivo a formação de uma Nação independente, participaram desde pessoas eruditas a pessoas populares. Teve como principal propagandista Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes, mas a revolução não aconteceu. (BOHRER, 2011)

O motivo da revolução não ter acontecido foi porque Joaquim Silvério dos Reis, ansioso em ter o perdão de suas dívidas, escreveu uma carta denúncia relatando dos planos dos inconfidentes. Esta carta acabou por terminar na prisão de todos os integrantes do movimento, cuja condenação aconteceu três anos depois. Tendo sido Tiradentes vir a receber a pena máxima sendo enforcado em 21 de abril de 1792, seu corpo espalhado pelos caminhos de Minas e sua cabeça exposta em praça pública. (BOHRER, 2011)

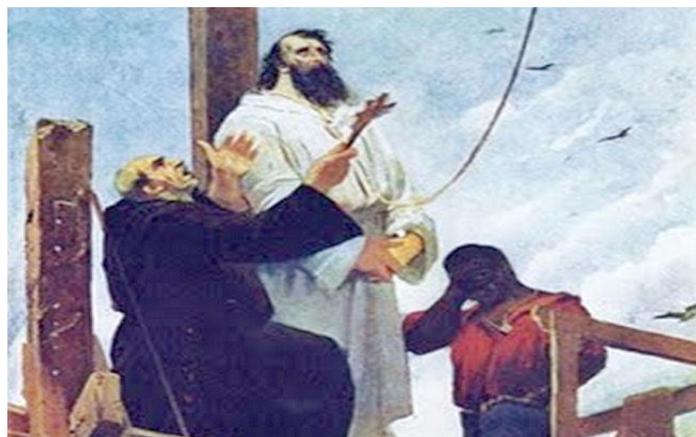


Figura 20: Representação Inconfidência Mineira
 Fonte: [http.</// www.google.com.br/imgens//>](http://www.google.com.br/imgens/)

5. Contextualização do bem cultural

Como mencionado anteriormente, a ponte do Palácio (FIG.: 21 e 22), localizada na Rua Nossa Senhora Auxiliadora, construída no século XVIII, é uma das construções de relevante importância do Distrito de Cachoeira do Campo, que permanece ainda em uso, resistindo às intempéries e até mesmo ao tráfego de caminhões em desrespeito às placas de sinalização existentes.(BOHRER,2011).



Figura 21: Ponte do Palácio
Sentido BR/N.S.Auxiliadora
Fonte: Henrique Daher



Figura 22: Ponte do Palácio
Sentido Rua N.S. Auxiliadora/Br
Fonte: Henrique Daher

BOHRER,2011, faz uma pequena descrição da ponte do Palácio em seu livro "Ouro Preto, Um Novo Olhar":

(...) A ponte do palácio, construída no século XVIII para dar acesso ao complexo governamental. Possui trinta metros de comprimento e é toda feita de pedra. Esta ponte antecedia o portão de entrada do palácio e dava início aos caminhos que de, de Cachoeira, demandava à Vila Rica. Esta estrutura, que nunca sofreu uma reforma vultuosa-vem resistindo heroicamente aos séculos, apesar do desrespeito com que geralmente é tratada".(BOHRER,2011,p. 67).

Em uma Entrevista ao jornal local o Historiador fala sobre a importância da Ponte como meio de ligação entre o distrito, sede e de possíveis pessoas importante que por ela transitaram:

Deste lugar partia o Caminho de Dom Rodrigo, ligando Cachoeira do Campo a Ouro Preto (o que também facilitava sobremaneira o acesso à Comarca do Rio das Velhas,

via Ponte de Ana de Sá, em Glaura). Quando o Visconde de Barbacena chegou nas Minas, em 1788, escolheu Cachoeira como sua residência oficial. O Palácio se tornaria célebre com o advento, um ano depois, da Inconfidência Mineira. Datam do século XIX os primeiros registros fotográficos da ponte – nestas fotografias é possível ver ainda os vestígios dos jardins e do pomar dos governadores.

Pela Ponte do Palácio passaram homens famosos como Dom Pedro I e seu filho, Pedro II, Tiradentes, Tomás Antônio Gonzaga, Saint-Hilaire, Johann Emanuel Pohl (que a descreve em 1819) e Manuel Bandeira. Hoje, o trânsito pesado da rodovia e o tráfego desrespeitoso de caminhões sobre a estrutura ameaçam esse patrimônio do município. As frágeis balizas de contenção são sempre colocadas e são sempre destruídas. Só há uma forma de evitar a lenta agonia desse bem: conscientização e fiscalização. 41Alex Boher entrevista....(BOHRER,2011)

Segundo relatos, a ponte, foi construída na mesma época do palácio, uma vez que ela antecedia seus portões de entrada e servia de acesso às comitivas governamentais, dando início aos caminhos que de Cachoeira se dirigiam à Vila Rica, caminho onde seguramente já passaram muitos homens famosos.(BOHRER,2011).

Sua técnica construtiva é em pedra bruta aglutinadas entre si por argamassa de areia, cal e barro, sem histórico de algum consolidante como azeite de peixe ou sangue de boi. Possui aproximadamente 30 metros de comprimento e é guarnecida com um guarda corpo. Esta ponte, ao lado das ruínas e do poço, é o que restou do luxuoso Palácio de Campo do Governador. De acordo com diversos escritores da época tratar-se de um dos mais magníficos existentes no Brasil Colônia.(RAMOS,1977).

A referida ponte, desde a sua construção, nunca teve nenhuma intervenção estrutural, com exceção apenas de reforço com acabamento em concreto em parte de sua base, preenchimento do guarda corpo de pedras, reconstruídos na década de 1990, após os originais terem sido removidas para a passagem de tratores e grandes máquinas necessárias à construção da rodovia. Na ocasião, segundo relatos de antigos moradores, muitas das pedras originais foram retiradas e transportadas para outros locais²⁴.

O trânsito pesado da rodovia e o tráfego abusivo de caminhões sobre a estrutura ameaçam esse patrimônio. As inúmeras tentativas de colocação de balizas de contenção que visam a impedir o trânsito de veículos pesados sobre a estrutura, por serem frágeis, são sempre removidas. Infelizmente este fato ocorre por indivíduos que desconhecem a importância deste bem. Para evitar o processo de degradação desta ponte, seria necessário, a conscientização da comunidade e adoção de medidas de fiscalização mais rigorosa.

²⁴ PREFEITURA DE OURO PRETO, Inventário de proteção da Ponte do Palácio, acervo cultural, Estruturas arquitetônicas e Urbanísticas, Ref.: 6.13

6. Análise do entorno

O entorno (FIG.: 23) imediato da ponte do palácio apresenta-se completamente ocupado por várias edificações, porém, existem duas nas extremidades à montante, e uma outra localizada na outra extremidade à jusante da ponte. Estas casas acabam por ofuscar a visibilidade do objeto de estudo. Ao passar pela rodovia, nem se nota a existência deste monumento de tamanha beleza do distrito.



Figura 23: Vista aérea Ponte do Palácio
Disponível em Google maps
Último acesso em 27.02.17

Caracteriza-se tanto por residências antigas quanto por edificações mais recentes, tendo maior predominância imediata em sua face a montante, com edificações no alinhamento frontal, gabarito de um pavimento. A área possui em toda a sua extensão grande mancha verde, que vai desde os quintais até as margens do Rio Maracujá.

Nota-se a presença de uma pedreira de nome Santa Margarida de Cortona (FIG.: 24) declarada como Patrimônio do Município em um Decreto da Câmara Municipal, com o objetivo proteger, segundo relatos, o local de onde foram retiradas as pedras para a construção tanto do Palácio dos Governadores quanto da própria ponte.

Art. 1º- Fica declarada como patrimônio inalienável do município, devendo ser preservado como monumento histórico e artístico uma pedreira situada à margem esquerda da ponte conhecida como do Palácio no distrito de Cachoeira do Campo.

Art. 2º- O Prefeito Municipal determinará providências à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Municipal para o mencionado logradouro, que mede 96 metros por 46 metros.

Art. 3º- Fica denominada a pedreira como Santa Margarida de Cortona.²⁵



Figura 24: Pedreira Santa Margarida de Cortona
Fonte Cleide Magalhaes-2017

Possui intenso tráfego de veículos, embora este seja restrito a passagem de um carro por vez, devido a estreita largura do tabuleiro ao longo da ponte. Esta conduta é adotada também quando tem algum pedestre transitando por ela, pois os motoristas dos veículos tem de ter muita atenção e aguardar a sua vez para que não ocorra nenhum acidente.

Já que o objetivo deste dossiê é o tombamento individual da ponte, suas diretrizes para o entorno terão como intento, assegurar a manutenção das edificações em termos de volumetria a fim de que não interfiram em sua área de visibilidade bem como em sua leitura isso pode ser confirmado no art.: 6º da Carta de Veneza 1964: “A conservação de um monumento implica a conservação de um esquema em sua escala. Enquanto subsistir, o esquema tradicional será conservado, e toda construção nova, toda destruição e toda modificação que poderiam alterar as condições de volume e de cor serão proibidos”.

²⁵ CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO, Comissão de Viação e Obras Públicas, Autógrafo de Lei número 92/68

7. Caracterização do objeto

6.1 Descrição e análise do bem cultural

A ponte apresenta técnicas construtivas conforme as muitas encontradas no período colonial. Técnicas e materiais que lhe conferem além de boa aparência, alta resistência a ação do tempo.

A ponte do Palácio apresenta em toda a sua composição de alvenaria de pedra. É guarnecida por guarda corpo em material pétreo (FIG.: 25) medindo aproximadamente 80 cm de altura e 45cm de espessura, de formato irregular tendo em sua interface argamassa de preenchimento. Este guarda-corpo tem a função de segurança contra queda, embate de pessoas e veículos, uma espécie de barreira, ou seja, garante proteção e segurança ao tráfego.



Figura 25: Guarda corpo
Créditos: Cleide Magalhães

Observa-se a presença de tabuleiro (FIG.:26) de perfil horizontal, medindo aproximadamente 30m de comprimento por 3,40 de largura, constituído em sua configuração original de lajetas de pedra tipo pé de moleque dispostas de forma plana.(NOLASCO,2016). Neste elemento além ocorrer a circulação do tráfego também tem a função de receber as cargas aplicadas sobre ele e distribuí-la para o enchimento.(MORAIS,2012).



Figura 26: Tabuleiro
Créditos: Cleide Magalhães

O enchimento (FIG.: 27) encontra-se localizado entre os arcos e muros de tímpano, ele é responsável pelo preenchimento do espaço entre o muro de tímpano e os arcos, sua função principal é a de transmitir as cargas do pavimento para os arcos e muros de tímpano. (MORAIS, 2012). Observa-se a presença de bueiros (FIG. 28) para escoamento de água.



Figura 27: Enchimento²⁶



Figura 28: Bueiro
Créditos Henrique Daher

Todos os elementos supracitados estão apoiados em três arcos (FIG.: 29) de volta perfeita²⁷ e iguais entre si com vãos medindo aproximadamente 3,0m de largura e 2,0m de altura. Os Arcos são elementos que concretizam os vãos a vencer tendo a função de conduzir

²⁶ Imagem disponível em: MORAIS, Maria Jose da Cruz, Tese de Mestrado, Pontes em Arco de Alvenaria, Estudo de um Caso Prático, Instituto Politécnico de Viseu, 2012, p.9

²⁷ Também chamado de pleno, romano, tem o perfil de uma circunferência. (NOLASCO, 2016).

as cargas transmitidas pelo pavimento, enchimento e tímpanos para os pilares/fundações.(MORAIS,2012).



Figura 29: Muros de Tímpano
Créditos: Wevertom Braz

Nos intervalos dos arcos, sobre os pilares, inseridos na extremidade inferior do guarda corpo, rentes a pista de rolamento, existem pelo menos três pequenos olhais (FIG.: 30) em ambos os lados, de formato retangular medindo aproximadamente 19cm altura por 36cm de largura que tem a função de dar vazão a água em épocas de chuva, impedindo seu acúmulo ao longo de toda a ponte.



Figura 30: Olhais
Créditos: Henrique Daher

Os Muros de tímpano (FIG.:31) ficam localizados na face exteriores da alvenaria, construídos sobre os arcos, pilares e encontros com função principal resistir aos impulsos sobrepostos pelo enchimento e transmiti-los ao arco.(MORAIS,2012).



Figura 31: Muros de Tímpano
Créditos: Wevertom Braz

Os pilares (FIG.: 32) servem de apoio aos arcos. Eles resistem às ações dos ventos e escoamento do curso d'água. Tem a função de transmitir esforços destes arcos para as fundações.(MORAIS,2012). Estas fundações, por sua vez, são construídas sobre o leito dos rios.



Figura 32: Pilar
Créditos: Wevertom Braz

Um talha-mar (FIG.: 33) de sessão triangular foi construído a montante²⁸ do pilar tem a função de atenuar e conduzir o escoamento das correntes de água reduzindo sua pressão sobre os pilares.(MORAIS,2012).

²⁸Refere-se a direção da nascente. Parte onde nasce o rio. Pesquisa realizada em:[http:// www. Significados.com.br](http://www.Significados.com.br)



Figura 33: Talha-mar
Créditos: Weverton Braz

Observa-se também a presença de talhantes (FIG.: 34) de seção retangulares construídos a jusante²⁹ do pilar, com a função proteger os pilares da sucção causado pelo escoamento giratório da água.(MORAIS,2012).



Figura 34: Talhantes
Créditos: Weverton Braz

A fundação, construída sobre o leito do Rio Maracujá, tem a função de mobilizar todas as ações e principalmente transmitir ao solo todos os esforços de seu peso e ainda das cargas que atuam sobre ela.(MORAIS,2012).

Tais características fazem com que a ponte se integre bem e em simetria compondo harmonicamente à paisagem devido a utilização de matérias encontrados na natureza em sua construção.

²⁹Lado para onde se dirige a corrente de água. Pesquisado em:<http://www.significados.com.br>

8. Comparativo Ponte do Palácio e outras duas pontes de Vila Rica

O corpo estrutural das pontes de pedra é formado por uma associação de blocos de pedras irregulares aglutinadas entre si por argamassa de assentamento ou simplesmente aparelhadas. Com estas junções vão se formando a fundação, pilares, arcos, muros de tímpano, plataforma e guarda corpo.

A ponte do palácio(FIG.: 35 e 36) possui visualmente construção com características singelas possuindo guarda corpo de confecção simples, desprovida de banco de assento, calçada e cruz.



Figura 35: Ponte do Palácio, Cachoeira do Campo
Fonte: Henrique Daher



Figura 36: Ponte do Palácio, Cachoeira do Campo
Fonte: Henrique Daher

Cachoeira do Campo possui ainda outras duas pontes com características similares em sua simplicidade. Uma ainda existente e em uso(FIG.: 37), localizada nas proximidades da Praça Benedito Xavier, Centro. Esta não mais conserva suas características originais. Observa-se que houve alterações em seu tabuleiro e guarda-corpo, mantendo a estrutura cujo arcos são formados por aduelas³⁰. A outra denominada de ponte do Dom Bosco (FIG. 38), segundo relatos, encontra-se em ruínas.

³⁰ São Pedras que recebem entalhamento e compõem as abóbadas ou arcos.(NOLASCO,2016).



Figura 37: Ponte Centro C.Campo 2017
Fonte Cleide Magalhães

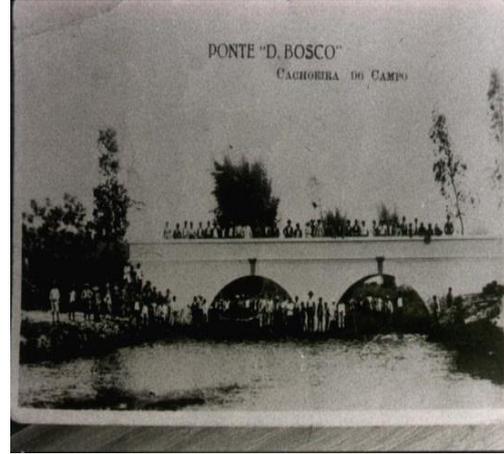


Figura 38: Ponte Dom Bosco
Acervo: Alex Bohrer

Diferente das pontes de Cachoeira do Campo, as existentes em Ouro Preto, receberam um roupagem mais opulenta, embora a matéria prima utilizada seja a mesma, ou seja, a rocha encontrada na região.

Em uma análise comparativa, pode-se observar que em relação a ponte do palácio elas foram mais trabalhadas em termos de detalhamento. Utilizando-se de duas destas pontes como: a de Marília de Dirceu (FIG.: 39 e 40), datada de 1755, também conhecida como ponte dos suspiros por ser o caminho que Dirceu, o então Tomaz Antônio Gonzaga³¹, percorria até chegar a casa de sua amada Marília, Maria Doroteia Joaquina de Seixas³²



Figura 39: Ponte de Marília
Disponível em <http://www.google.com.br//>
Último acesso em 12.06.17



Figura 40: Ponte de Marília, Ouro Preto,
Disponível em <http://www.google.com.br>
Último acesso em 12.06.17

³¹ Ouvidor da Capitania e poeta. Disponível em PEREIRA, Carlos Alberto, A Arte da Cantaria: Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007, p. 83

³² Noiva do Tomaz Antônio Gonzaga. Disponível em: PEREIRA, Carlos Alberto, A Arte da Cantaria: Belo Horizonte, Editora C/Arte, 2007 p.83

A ponte dos contos(FIG.: 41 e 42), datada de 1744, a primeira a ser edificada em cantaria, sofreu alterações em sua construção original onde foi supresso a cruz, assentos e guarda-corpo que fora substituído por gradil de ferro, voltando a sua forma primitiva após restauro.(PEREIRA,2007).



Figura 41: Ponte dos contos
Disponível em [http //www.google.com.br//](http://www.google.com.br//)
Última consulta em 12.06.17



Figura 42: Ponte dos contos
Disponível em [http //www.google.com.br//](http://www.google.com.br//)
Última consulta em 12.06.17

Em ambas observa-se banco de assento, um convite a uma pausa para um descanso ou mesmo para uma boa prosa, a cruz que era considerada como uma proteção para as pontes, os transeuntes e os suicidas e calçada para que os pedestres possam transitar por ela com segurança.(PEREIRA,2007). Pode-se dizer que estas pontes são providas de uma pequena área de lazer onde as pessoas podem deixar-se estar sentadas disfrutando de momentos de descontração.

Muito provavelmente, o fato da ponte do palácio ser desprovida destes elementos, deve-se a ela ter sido construída com a finalidade restrita a de acesso ao Palácio e as demais foram construídas para a passagem de um núcleo urbano a outro. Hoje tal ponte tem a mesma finalidade porém com função diferente para a qual foi construída, ela também faz ligação entre o centro do distrito e a Rodovia dos Inconfidentes.

9. Delimitação descrição e justificativa do entorno

O perímetro de entorno de tombamento(MAPA 01) tem a finalidade de preservar a visibilidade do bem, sua fruição física, bem como a sua acessibilidade. Isto se caracteriza pela definição geométrica do espaço a ser protegido tanto no sentido visual quanto urbanístico determinando assim, que toda e quaisquer alterações que forem realizadas dentro desta área não poderão interferir negativamente no bem.

O artigo 18 do Decreto-Lei 25 de 37 deixa bem claro como consequência do tombamento a proteção da área da sua vizinhança garantindo assim a proteção desta área de entorno:

“Sem prévia autorização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, não se poderá, na vizinhança da coisa tombada, fazer construção, que impeça ou reduza a visibilidade, nem nela colocar anúncios ou cartazes, sob pena de ser mandada destruir a obra, ou retirar o objeto, impondo-se neste caso multa de 50% do valor do mesmo objeto”.



Pontos	Medidas(m)
P1 a P2	47,44
P2 a P3	96,12
P3 a P4	8,56
P4 a P5	38,48
P5 a P6	7,12
P6 a P7	35,11
P7 a P8	100,84
P8 a P1	16,63

Mapa 01: Entorno

A delimitação do perímetro de entorno do tombamento da Ponte do Palácio abrange todo o perímetro da ponte bem como suas vias de entorno com a finalidade de melhorar sua ambiência. Tal delimitação será assim determinada:

O perímetro do entorno de tombamento corresponde pela área da poligonal fechada P1P5 assim descrita:

P1 O perímetro se estende pelo cruzamento dos eixos da Rua Nossa Senhora Auxiliadora em

linha reta indo ao encontro de P2.

P2 corresponde a um ponto que segue na lateral a jusante da ponte do palácio pela Rua Nossa Senhora Auxiliadora em todo seu prolongamento, indo em direção a Rua Safira para P3;

P3 Indica o ponto formado pelo cruzamento dos eixos da Rua Safira com a Nossa Senhora Auxiliadora a para P4

P4 Indica o vértice formado pela Rua Nossa Senhora Auxiliadora indo de encontro ao P5; P5 segue na lateral da pedreira Santa Marta de Cortona até P6;

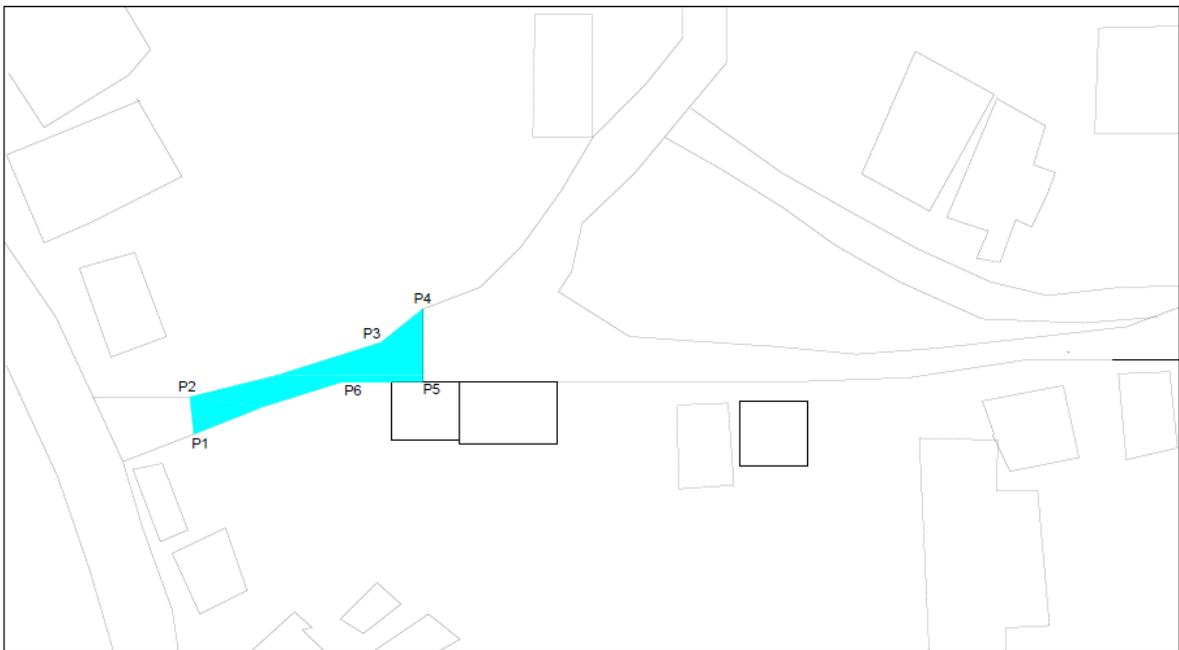
P6 segue 35,11m em direção a P7;

P7 segue na lateral a montante da ponte do palácio em todo o seu prolongamento até chegar ao ponto P8 encontrando P1.

10. Perímetro de tombamento

11.1. Delimitação descrição e justificativa

O perímetro de tombamento (Mapa 02) da ponte do palácio foi definida a partir do terreno no qual está inserida onde serão estabelecidas as diretrizes específicas para tal perímetro objetivando a preservação do bem como um todo.



Mapa 02: Perímetro de tombamento

Para tanto será descrito a delimitação do perímetro de tombamento a área correspondida pela poligonal fechada P1P6 da seguinte forma:

P1: Como o início da poligonal, formado pela interseção da linha do limite frontal da Ponte do Palácio. Na sequência em um cruzamento, esta linha segue em uma reta pela Rua Nossa Senhora Auxiliadora, conciliando nesta interseção indo ao encontro com o ponto P2. Estas linhas estão paralelas à Rodovia dos Inconfidentes;

P2: segue pela linha do limite da lateral a jusante da ponte do palácio até encontrar o ponto P3.

P3: é seguida pela linha paralela a Rua Nossa Senhora Auxiliadora conciliando o P4.

P4: foi traçada um eixo que percorre a Rua Nossa Senhora Auxiliadora indo de encontro ao P5.

Do P5 a P6 formam-se uma linha reta, paralela à Rua Nossa Senhora Auxiliadora indo de encontro ao P6.

P6: parte uma linha paralela à linha P2, seguindo em direção à parte frontal da ponte formando uma poligonal fechada que coincide com P1 definindo assim o perímetro de tombamento de forma a abranger toda a edificação.

Tal delimitação, coloca sob proteção uma das edificações de grande importância histórica para o Distrito de Cachoeira do Campo que mantém preservadas suas características construtivas originais configurando fatores preponderantes para a decisão de seu perímetro de tombamento. A intenção de tombamento é de manter, conservar e preservar tal edificação para que ela possa, ao longo de muitos anos vindouros, continuar cumprindo a função pela qual foi construída. E ainda, em caso de uma intervenção futura que venha a ser feita de maneira criteriosa mantendo preservadas tanto sua instância histórica como estética. Tal intervenção que venha a sofrer na área definida como perímetro de tombamento deve ser submetida à aprovação do órgão competente

11. Análise do estado de conservação

Vale lembrar que a conservação preventiva é condição essencial para aumentar e ou prolongar sua vida útil pois, as patologias, ainda que mínimas, ao longo do tempo, vão evoluindo em variedade e profundidade, tudo isso, aliado aos altos níveis de poluição ambiental e ao uso constante a que está submetida, causando comprometimento tanto na parte estrutural quanto estética da ponte. Deve-se priorizar a conservação preventiva para que não haja necessidade de chegar ao ponto de fazer uma restauração, que é considerado a última decisão a ser tomada. Esta afirmativa está no Art.9º da Carta de Veneza 1964. “A restauração é uma operação que deve ter caracter excepcional. Tem por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e histórico dos monumento e fundamenta-se no material original e aos documentos autênticos.(...)”

De acordo com observações feitas ao longo das visitas técnicas à ponte, constatou-se que o estado geral de conservação é ruim. Foram levantadas algumas patologias que a acometem consideradas merecedoras de destaque e atenção para posterior intervenção. Esta, uma vez realizada, trará benefícios não somente em sua estética bem como contribuirá no prolongamento, como dito anteriormente, de sua vida útil e continuar atendendo a população como um todo.

Sendo assim, objetivando identificar estas anomalias foram feitas avaliações do seu estado de conservação e averiguação de sua estabilidade estrutural que serão destacadas da seguinte forma:

Guarda-corpo: Observa-se que no guarda-corpo da ponte formação de lacunas em alguns pontos por perda pontualizada de suporte, provavelmente ocasionada por trepidação, ação humana, choque físico.

Presença de formação de associação de fungos e algas sobre a superfície externa gerando assim uma colônia de líquens que tem o poder de penetração pela produção de ácidos orgânicos modificando a aparência estética do objeto de estudo.

Presença de manifestações biológicas como musgos e plantas de ordem superior. Estas, por sua vez, podem causar rupturas e destruição da alvenaria de pedra bem como entupimento no orifício de escoamento de água além de contribuir negativamente na aparência estética;

Devido as intempéries a qual a ponte está submetida e falta de uma manutenção periódica, a mesma encontra-se com grande quantidade de sujeira aderida e acumulada causando manchas enegrecidas causando mudança no aspecto cromático da alvenaria.

Utilizando de argamassa cimentícia, , uma intervenção inadequada, feita por um morador vizinho, foi observada na sua extremidade à montante entre o muro da residência e o guarda-corpo da ponte. Esta massa está vedando um pequeno vão que existe entre eles na tentativa de evitar infiltrações ou acúmulo de água.

Tabuleiro: Embora esteja em bom estado de conservação, o tabuleiro apresenta abaulamento em alguns pontos devido ao intenso tráfego de carros e até mesmo de caminhões desrespeitando a placa de sinalização. Visível deslocamento de blocos, vegetações de pequeno e médio porte em toda a sua extensão além de sujeira acumulada.

Elevações a montante e a jusante: As elevações por sua vez, apresentam em sua base, extensa quantidade de vegetação de médio e pequeno porte dificultando o acesso bem como podendo causar a longo prazo destruição dos materiais ali presentes pela expansão de suas raízes .

Arco: Observa-se que um dos arcos apresenta trincas fazendo com que o mesmo perdesse a condição de pleno. Estas trincas ocorreram em decorrência desta deformação residual, condição esta considerada grave. Este tipo de degradação, levantada pelo professor Ney Nolasco em uma defesa de trabalho de Conclusão de Curso de restauro da ponte, deve ser levado em consideração e merecedora de atenção. Segundo o professor, trata-se de motivo para uma interdição imediata da ponte a fim de que se possa fazer um estudo aprofundado desta patologia grave para que não incorra na perda deste bem.

Devido a reposição de material pétreo do guarda-corpo em uma intervenção, observa-se que as mesmas ficaram expostas sem a adição de argamassa dando a impressão de se tratar de pedra seca³³, provavelmente esta desagregação foi devido ocorrência de chuva.

Em decorrência das intempéries a que está submetida a ponte nota-se grande destacamento da argamassa assim como craquelamento da camada pictórica em toda a sua extensão além de manchas enegrecidas.

³³ Tipo de alvenaria construída sem argamassa de assentamento, somente usando pedras. NEY, Nolasco, Sistemas e Técnicas Construtivas I, IFMG, 2006.

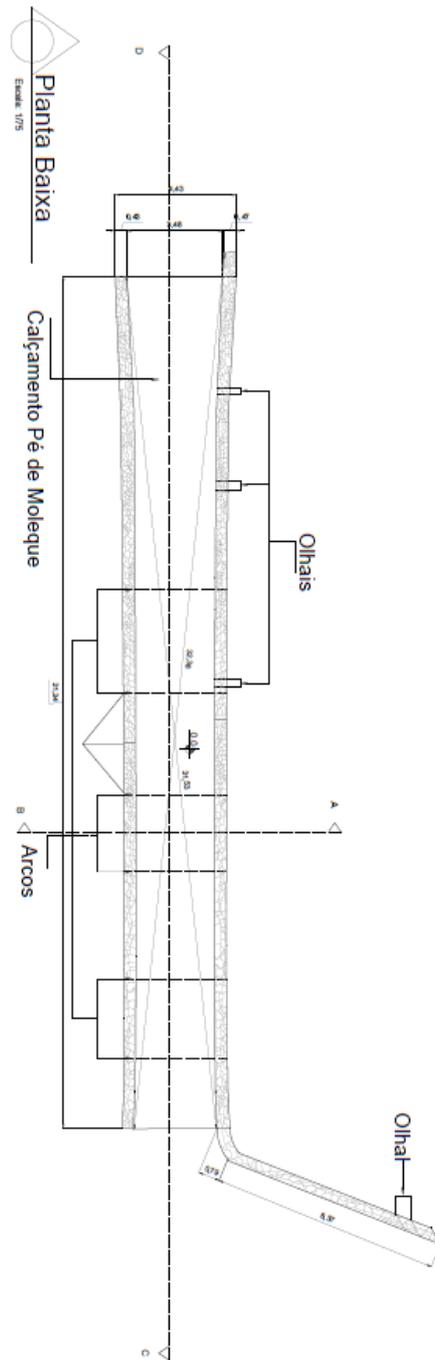
12. Diretrizes de intervenção/preservação

As diretrizes de intervenção/preservação foram traçadas com o objetivo de garantir e preservar o bom estado de conservação do bem a ser tombado. Elas seguem da seguinte forma:

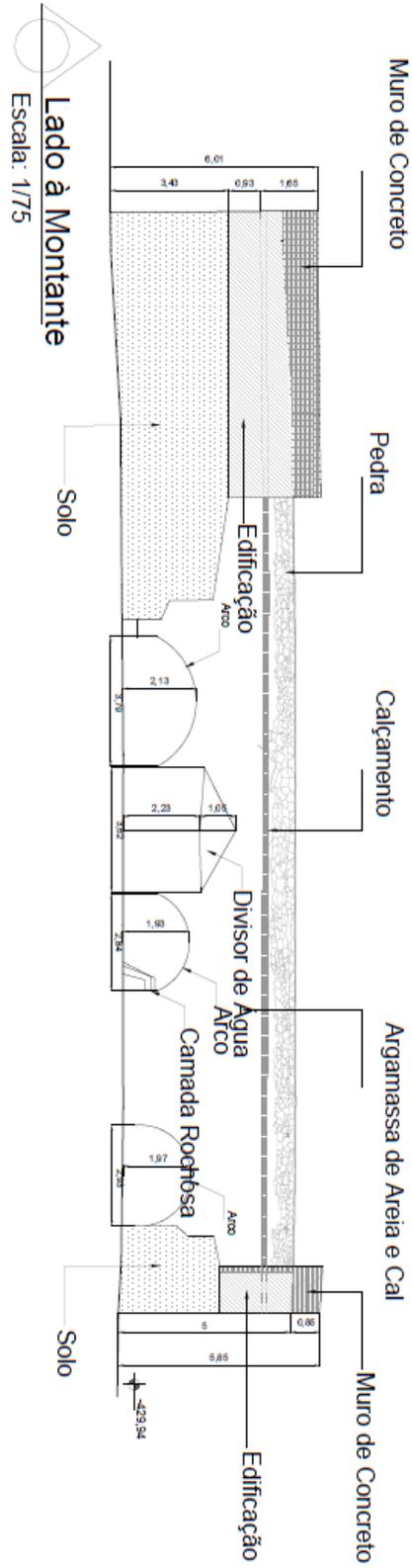
- Interdição imediata da ponte do Palácio para estudo aprofundado da deformação residual do arco pleno causador das trincas;
- Colocação de balizadores para bloqueio de passagem de caminhões já que não respeitam placas de sinalização. Vale destacar que estes balizadores tenham a possibilidade de serem móveis para o caso de ter de usar a ponte para uma emergência do tipo a passagem do caminhão do corpo de bombeiros;
- Demolição das três casas que estão impedindo a visibilidade da ponte;
- Retirada imediata das intervenções inadequadas;
- Recomposição pontualizada de elementos de rocha no guarda-corpo;
- Recomposição pontualizada de material pétreo no tabuleiro;
- Limpeza mecânica em toda a sua estrutura garantindo a retirada das colônias de fungos que lá se instalaram e manutenção periódica;
- Retirada de vegetação tanto rasteira quanto de médio porte que se alastraram por toda a edificação;
- Implantação de rede de esgotamento sanitário, o que contribuirá para a despoluição do Rio Maracujá;

13.Documentação gráfica

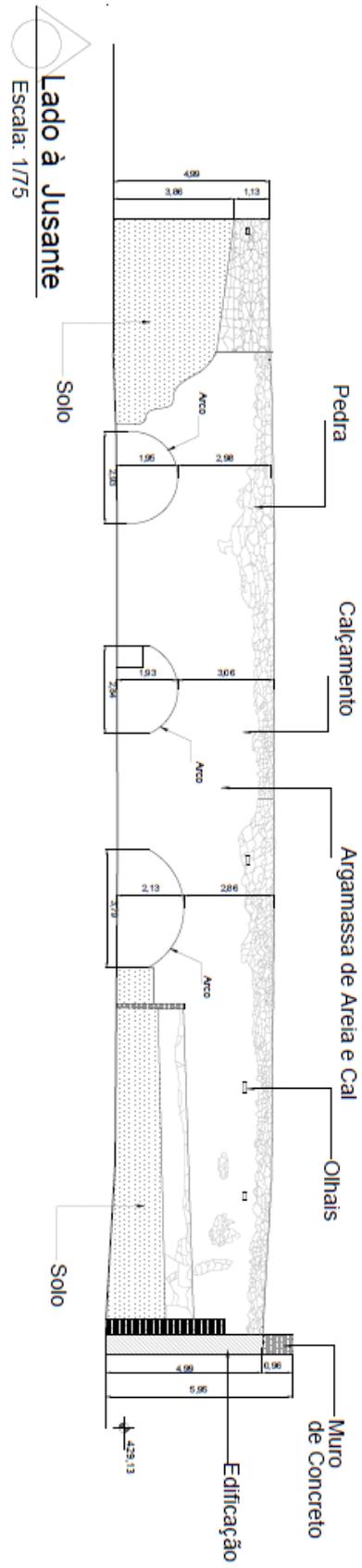
12.1 Planta baixa



13.2 Fachada lateral à montante



13.3 Fachada lateral à jusante

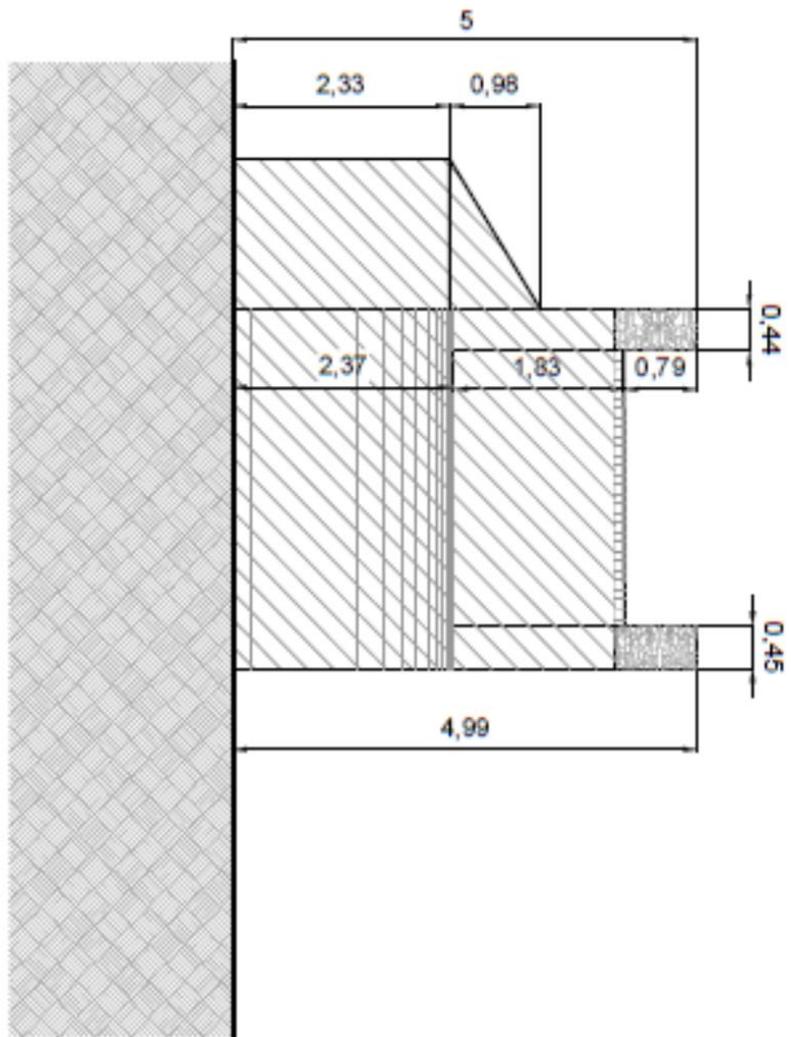


13.4 Corte A/B



Escala: 1/75

Corte A - B



14. Informações Complementares

A ponte do palácio, embora tenha um inventário de proteção, não está sendo atendida por nenhum tipo de medida protetiva. O que se observa, por vezes, uma capina superficial no local. Capina esta que segue o cronograma de serviço de limpeza feito pelos servidores da Prefeitura Municipal de Ouro Preto nas ruas do distrito passando pela ponte.

Considera-se a possibilidade imediata de colocar balizadores nas duas extremidades da ponte afim de impedir o tráfego de caminhões pesados uma vez que as placas de sinalização não estão sendo suficientes para conscientizar os motoristas infratores. Estes balizadores devem ser colocados em uma profundidade maior para impedir sua retirada como já aconteceu em outras ocasiões.

A interdição imediata da ponte também se faz necessário objetivando o estudo aprofundado da deformação residual do arco que já perdeu sua condição de pleno.

15. Conclusão

A identidade cultural de um povo é transmitida de geração a geração e é através dela que se mantém o referencial histórico da existência humana. Ela é constituída tanto de valores materiais quanto imateriais. Todo patrimônio cultural edificado tem o potencial de mediar conhecimento tornando assim necessário sua preservação. Isso só se consegue através da conservação de sua integridade física.

A partir da elaboração do dossiê de tombamento da ponte do palácio e ciente de sua contextualização histórica, conclui-se que este monumento é de extrema importância não só para a comunidade local bem como para a história de sua formação. Sua manutenção e conservação são requisitos de fundamental importância para sua preservação.

Levando-se em consideração o estado de conservação da ponte do palácio e a sua condição de proteção deve-se priorizar uma política de conservação preventiva, quesito essencial para que não seja necessário uma restauração onerosa.

Dentro deste contexto confirma-se a necessidade de tombamento deste bem para sua salvaguarda. O tombamento, instaurado no país através do Decreto-Lei 25 de 1937, é a garantia legal de sua preservação, embora somente este instrumento não lhe conceda esta garantia de preservação por motivo de limitação de recursos humanos e financeiros dos órgãos de patrimônio cultural.

O tombamento concede ao poder público a atribuição de avaliar as intervenções planejadas no bem tombado, mas isto não é suficiente para impedir o processo de degradação nem garantir a sua efetiva preservação.

Ele é o principal instrumento de proteção do Patrimônio tendo como principal efeito a proibição da mudança em suas características e de seu entorno imediato a menos que esta modificação seja muito necessária

Deve-se, por parte das autoridades competentes, adotar um procedimento único de proteção contemplando todos os monumentos, visando a conservação e preservação tanto do meio ambiente quanto de monumentos. E ainda todo e qualquer monumento deve ter a mesma atenção no quesito conservação, não tratando prioritariamente e desigualmente as áreas históricas e outros espaços que compõem uma determinada cidade. O que precisa ficar claro também é a importância da participação da comunidade nessas ações patrimoniais, para que a mesma possa vir a ser reconhecida como patrimônio da cidade.

16. Anexos

- Anexo 1 Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Inventário de Proteção

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS



Ref.:6.1.3

Município	Ouro Preto
Distrito	Cachoeira do Campo
Designação	Ponte do Palácio
Endereço	Rua das Lajes
Propriedade/situação	Prefeitura Municipal de Ouro Preto
Responsável	Prefeitura Municipal de Ouro Preto
Situação de ocupação	Público
Uso atual	Ponte
Análise de entorno-situação e ambiência	O entorno é caracterizado por edificações recentes e algumas mais antigas de configuração térrea. Há grandes áreas verdes (juntamente aos quintais que se estendem ao Rio Maracujá), certas áreas adjacentes podem ser descritas por um certo vazio; o tráfego de veículos é médio e restrito visto a largura da pista de rolamento sobre a ponte.
Documentação fotográfica	<p>Ref.: pontePalacio-1910, pontePalacio-1970, DSC03760, DSC03752, DSC03743, DSC03747, DSC03757, DSC03753, DSC03759, DSC03762, DSC03745, DSC03758, DSC03759, DSC03761</p> <p>Fonte: Arquivo AMIC, Alexandre Fernandes Bohrer e Inaiana Barbosa Guerra</p> <p>Data: 26/01/07</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>Ponte do Palácio - 1910</p>



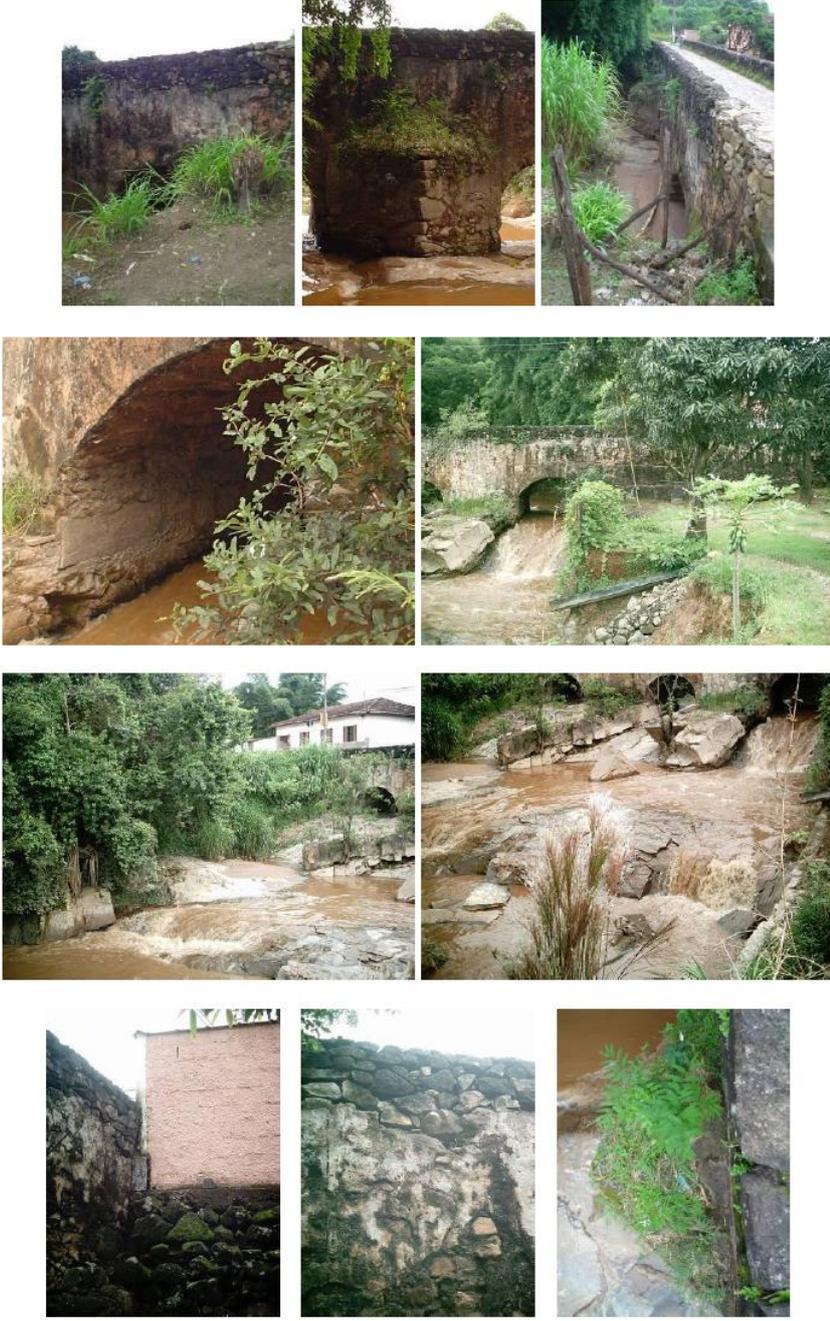
Ponte do Palácio – década de 1970



Vista lateral direita e lateral esquerda da Ponte do Palácio

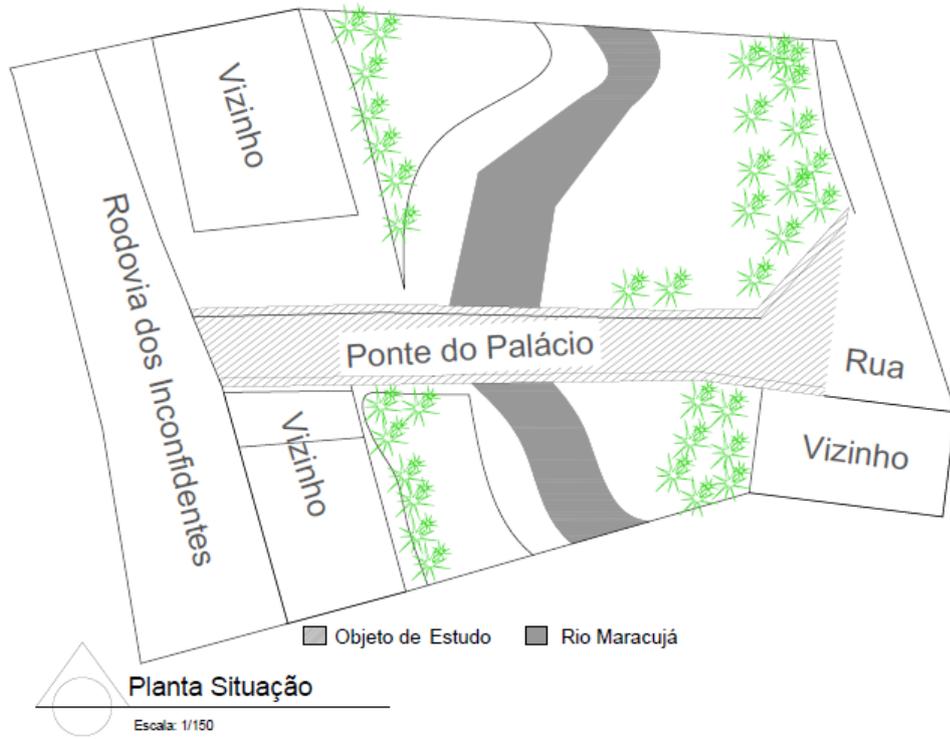


Vista da pista de rodagem e entorno imediato

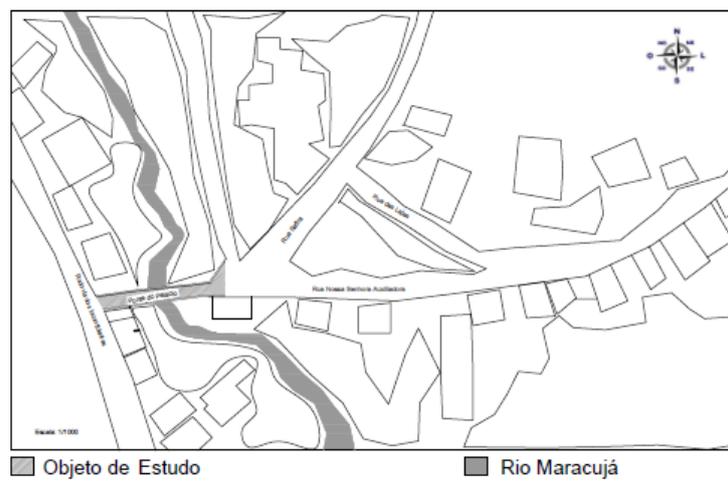
	 <p style="text-align: center;">Vistas do entorno imediato e detalhes</p>
<p><i>Histórico</i></p>	<p>A Ponte do Palácio foi construída no século XVIII para dar acesso ao Palácio. Possui 30 metros de comprimento e é toda feita de pedra. Esta ponte antecedia o portão de entrada do palácio e dava início aos caminhos que, de Cachoeira, demandavam à Vila Rica. Esta ponte - que nunca sofreu nenhuma reforma estrutural - vem resistindo heroicamente aos séculos, apesar do desrespeito com que geralmente é tratada.</p>
<p><i>Descrição</i></p>	<p>Trata-se de uma ponte de pedras composta por 3 arcos plenos (arcos romanos), com paredes de 45cm de espessura. Em sua face contra a correnteza, possui saliente cunha que serve de divisão das águas, além de</p>

	<p>apoio estrutural.</p> <p>A pista de rolamento sobre a ponte, fora substituídas por pedras tipo pé-de-moleque e algumas partes da estrutura da mesma sofrera também substituição de novas pedras e, em algumas partes (como os arcos) a re-consolidação através de concretagem.</p> <p>A Ponte do Palácio nunca foi restaurada. Encontrando-se então praticamente intacta – o que faz destacar a avançada a consolidada engenharia da época.</p>	
Proteção legal existente	Não há proteção existente	
Proteção legal proposta	Inventário para Proteção Prévia	
Estado de conservação	Regular	
Análise do estado de conservação	A Ponte do Palácio apresenta algumas fissuras, rachaduras, desfalques e falhas que comprometem a estética e, podem vir a comprometer sua estrutura. Pode-se concluir que necessita de uma restauração e consolidação estrutural imediata.	
Fatores de degradação	Intempéries, sobrecarga, outros agentes externos e ação do homem.	
Medidas de conservação	Deve-se restaurá-la imediatamente e a consolidar estruturalmente.	
Intervenções – Responsável/Data	A ponte foi alvo de reforço estrutural em sua base com acabamento em concreto e preenchimento do guarda corpo de pedras com colocação de outras.	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Desktop\Inventário 2007 - Bruno Tropa\Distrito de Cachoeira do Campo\Fotografias e outros - CC\CachoeiradoCampo-2007\ponte do palácio	
Informações complementares Entrevistas	Não há informações complementares	
Ficha Técnica	<p>Lev. Campo: Alexandre Fernandes Bohrer, Elisângela R. Silva Auraújo, Inaiana Barbosa Guerra e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropa Caldas</p>	<p>Data: 26/01/2007</p> <p>Data: 21/03/2007</p>

- Anexo 2 Planta de Situação

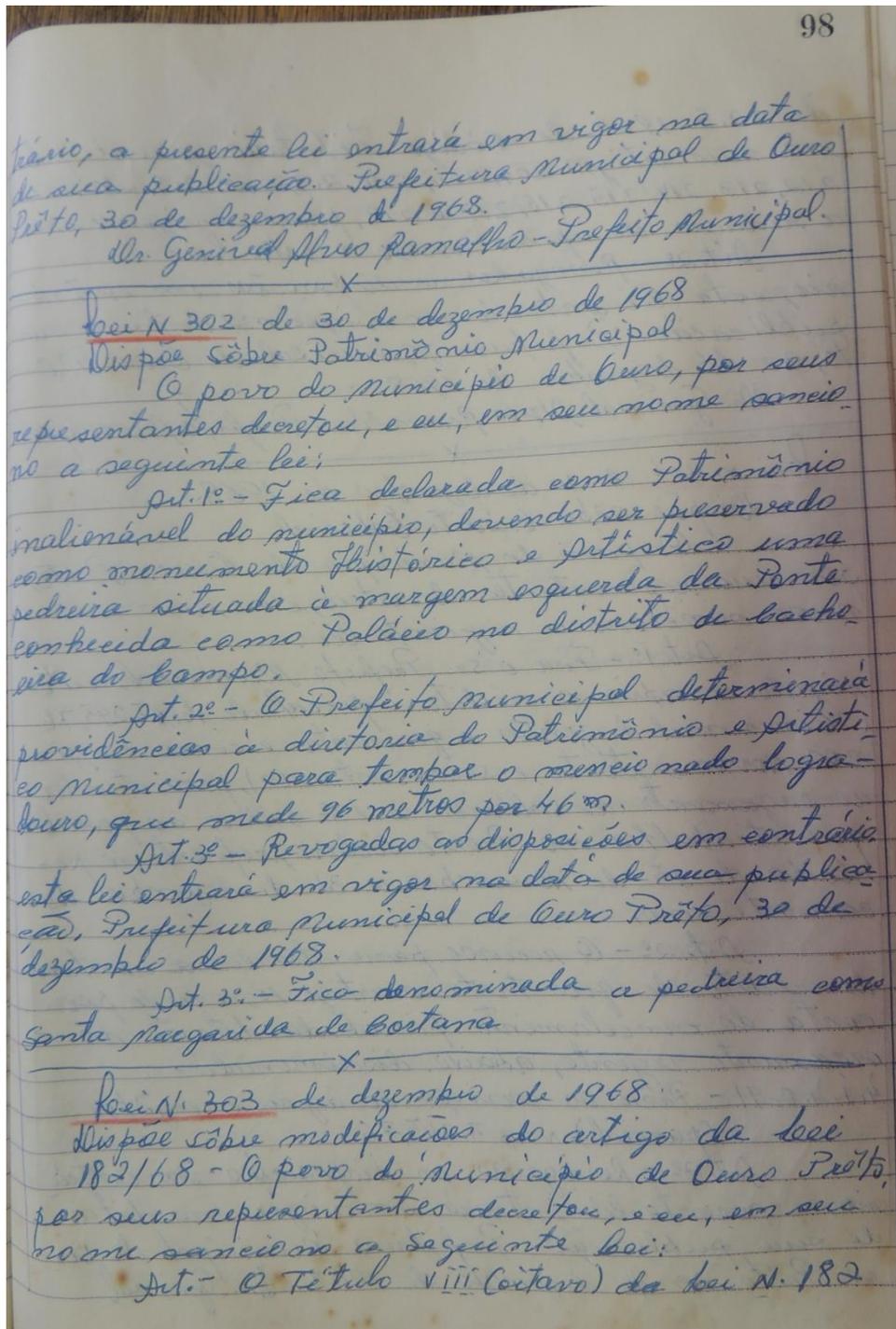


- Anexo 3 Planta de localização



 **Planta Localização**
Escala: 1/750

- Anexo 4 Decreto Pedreira Santa Margarida de Cortona





CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO

COMISSÃO DE VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

PARECER N.º

Autógrafo de Lei nº 92/68

A Mesa da Câmara Municipal de Ouro Preto, faz público o seguinte autógrafa:

A Câmara Municipal de Ouro Preto, resolve:
Aprovar com a redação que se segue, o projeto de Lei nº 92/68, a saber:
A Câmara Municipal de Ouro Preto, decreta:

Art. 1º - Fica declarada como patrimônio inalienável do município, devendo ser preservado como monumento histórico e artístico, uma pedreira situada à margem esquerda da ponte conhecida como do Palácio no distrito de Cachoeira do Campo.

Art. 2º - O Prefeito Municipal determinará providências à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Municipal para tomba o mencionado logradouro, que mede 96 metros por 46 metros.

Art. 3º - Fica denominada a pedreira como Santa Margarida de Cortona.

Art. 4º - Revogadas as disposições em contrário, esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Câmara Municipal de Ouro Preto, 19 de Dezembro de 1968

Theodulo Pereira

Theodulo Pereira - Presidente

José Feliciano Rodrigues

José Feliciano Rodrigues - Vice-Presidente

Leoncio Bartolomeu Guimarães

Leoncio Bartolomeu Guimarães - Secretário

Publicado e registrado nesta Secretaria em 19 - XII - 1.968

Wagner Rodrigues dos Reis

Wagner Rodrigues dos Reis - Diretor da Secretaria da Câmara.

17. Referencial bibliográfico

BOHRER, Alex Fernandes. **Ouro Preto Um Novo Olhar**, São Paulo: Scortecci,2011.

BRASI, Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

CARVALHO, Feu de. **Pontes e Chafarizes de Vila Rica de Ouro Preto**, Belo Horizonte: Edições históricas.

CIVITA, Victor. **Grandes Personagens da Nossa História**. São Paulo: SAIB, maio de 1969.

COSTA, P. (2006) – **Análise da Construção e do Comportamento duma Ponte de Pedra**. Tese de Mestrado. FEUP.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. Veneza:1964

MENEZES, Ivo Porto. O Palácio dos Governadores de Cachoeira do Campo. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 201-230, 1961. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat15_m.pdf

MORAIS, Maria José da Cruz, **Pontes em Arco de Alvenaria-Estudo de Caso Prático**, Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu, Tese de Mestrado-2012

NOLASCO, Ney Ribeiro, **Apostila de Sistemas e Técnicas Construtivas III**, Instituto Federal de Minas Gerais Campus Ouro Preto -2016;

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Cachoeira do Campo–Ouro Preto, MG**. Ouro Preto, 2007 Acervo da Secretaria de Patrimônio.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural. Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas**. Ref.: 6.1.3. Arquivo da Secretaria de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

RAMOS, Lúcio Fernandes. **Cachoeira do Campo: A Filha Pobre de Ouro Preto**. [Belo Horizonte: Editora São Vicente,1971]209p.

SERRA, Miguel Caetano-2013- **Modelação Numérica de Pontes de Alvenaria de Pedra** .Tese de Mestrado.

VASCONCELOS, Diogo de. **História Antiga das Minas Gerais**. Coleção Conquistas do Brasil. Editora Itatiaia LTDA-1999.

18. Sitios Web consultados

www.amiccachoeira.blogspot.com.br

www.significados.com.br

www.google.com.br

www.morrodaqueimada.fiocruz.br

www.infoescola.com

www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos

www.infoescola.com/biografias/mestre-ataide

www.guiacahoeiradocampo.com//>

www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.074/3087

www.webartigos.com

